



Universidade Departamento de Línguas e Culturas
de Aveiro
2016

**CARLOS CECÍLIA
MASSANGO**

**Análise Comparativa da Sílabas em
Português Europeu e nas Línguas Bantu
- Um Estudo sobre Translineação**



**Universidade de
Aveiro**

Departamento de Línguas e Culturas

2016

**CARLOS CECÍLIA
MASSANGO**

**Análise Comparativa da Sílabas em Português
Europeu e nas Línguas Bantu
- Um Estudo sobre Translineação**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e da Doutora Lurdes de Castro Moutinho, Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

o júri

Presidente

Professor Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro.

Vogais

Doutor Nobre Roque dos Santos
Reitor da Universidade de Zambeze (UniZambeze)

Doutora Rosa Maria Lima
Equiparada a Professora Coordenadora, Escola Superior de Educação de
Paula Franssinetti

Professora Doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro.

Agradecimentos

Quero expressar o meu agradecimento a todos os que me apoiaram na construção da presente Dissertação.

Às minhas orientadoras, Prof.^a Doutora Lurdes de Castro Moutinho, e Prof.^a Doutora Rosa Lídia Coimbra que me ajudaram a encontrar os caminhos teóricos e metodológicos, e por terem abraçado e iluminado o meu projecto de pesquisa. O meu muito *nibongide* pela paciência, encorajamento e disponibilidade didáctico-pedagógicos sem os quais não teria sido capaz de ultrapassar os obstáculos que se me impuseram com alguma persistência ao longo da realização do trabalho.

Aos professores que leccionaram a parte curricular do Mestrado em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa, nomeadamente: o Prof. Doutor Carlos Morais, o Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão, a Prof.^a Doutora Isabel Cristina Rodrigues, o Prof. Doutor Paulo Alexandre Pereira, o Prof. Doutor António Manuel Ferreira e Prof. Doutor António Moreno, pela diligência e empenho abnegados manifestados em todos os domínios durante a leccionação.

Aos professores, alunos, direcções das escolas onde efectuei a geração dos registos pelo apoio e por terem contribuído para o fornecimento de um banco de dados na L1 e L2 para o entendimento de aspectos da fonografia.

Ao Augusto Nombora, Alberto Mate, Horácio Mucivame, Torjo Lameque e demais colegas da Pós-graduação de quem tive sempre apoio e encorajamento para frequentar o curso de Mestrado em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa.

Aos meus pais, Matias Panguene Massango e Cecília de Oliveira, por acreditarem em mim, meus mestres para toda a vida.

A todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho.

palavras-chave

sílaba; translineação; Português Europeu; Línguas Bantu.

Resumo

A presente dissertação tem por objectivo analisar e descrever as estratégias de silabificação de unidades lexicais no Português Europeu comparando-as com as de Copi, dado que, em linguística, os estudos de natureza comparativa contribuem para encontrar as diferenças entre as línguas comparadas de modo a prever as possíveis transferências, sejam positivas ou negativas. A recolha de dados baseou-se em 45 alunos falantes nativos de Copi que, ao mesmo tempo, são falantes de Português, bem como no próprio autor. Os informantes abordados são residentes nos distritos de Zavala e Homoine (Inhambane) e têm a idade compreendida entre 18 a 25 anos.

Esta pesquisa é de cunho etnolinguístico o que implicou a realização de um trabalho de campo para a geração dos registos que forneceram os dados para a análise contrastiva, através de inquérito sociolinguístico e conversas com os alunos/formandos e outros participantes. Além disso, a revisão bibliográfica em muitas línguas do mundo, entre as bantu e não bantu, também contribuiu para constituir o corpus do estudo, o que permitiu que se chegasse a uma conclusão de que na divisão da sílaba em Copi raras vezes, senão nunca, o constituinte silábico “coda” (Cd) se encontra preenchido, facto que corrobora a ideia segundo a qual este elemento, na estrutura da sílaba em bantu, é opcional e convencionalmente representado entre parêntesis. Em PE é frequente encontrar sílabas cuja coda é segmentalmente preenchida embora não seja por todas as consoantes, mas as fonológicas /l, r, s/ e as suas variantes.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa sustentou-se à luz de algumas teorias sobre a sílaba e ortografia em Português Europeu, Vigário & Falé (1994); Mateus d’Andrade (2000); Mateus et al (2005), Moutinho e Teixeira (2005); Moutinho e Oliveira (2005); Oliveira (2007); Veloso (2008); Morais e Silva (2010); sobre a sílaba e ortografia em línguas bantu, Hyman (1985); Siteo (1996); Ngunga (2004); Ngunga e Faquir (2011), e sobre bilinguismo e educação bilingue, Hamel (1989); Baker (1993); Patel (2006), entre outros. Como resultado, o estudo mostra que certos padrões silábicos ocorrem em todas as línguas convocadas para o debate (CV – padrão silábico universal) e que outros formatos apenas ocorrem em Português. A pesquisa mostra ainda que a silabificação indiferenciada das palavras em PE pode ser justificada pelo pouco incentivo para o ensino da ortografia das LB aliada à do PE, pois a Educação Bilingue em Moçambique ocupa um espaço incipiente e poucos trabalhos tem sido feitos sobre a sua realização em programas de ensino em Moçambique.

Keywords

syllable; line wrapping; European Portuguese; Bantu languages.

Abstract

This dissertation aims to analyse and describe the syllabification strategies of the lexical units in the European Portuguese comparing them with those of Copi, since in linguistic the comparative studies contribute to meet the differences among compared languages in order to foresee the possible positive or negative transferences. The data collection was based on 45 Copi native speakers' students and at the same time they are Portuguese speakers as well as the author. The informants live in Zavala and Homoine (Inhambane) and they are between 18 and 25 years old.

Being an ethnolinguist research, it was necessary to go to the field in order to collect the data which allowed a contrastive analyse throughout a sociolinguistic inquiry with the students/trainees and other participants. A part from literature review in many world languages, bantu and non-bantu languages, they also contributed for the construction of the study's corpus and allowed us to conclude that in the syllable division in Copi rarely or never the syllabic constituent "Coda" (Cd) is filled, what corroborate that this element in bantu syllabic structure is optional and is conventionally represented into brackets. In the European Portuguese, it is usual to find syllables which the Coda is segmentally filled although it does not happen to all the consonants, nevertheless, the phonological /l,r,s/ and their variations.

From the theoretical point of view, this research was based on syllable and orthography theories in the European Portuguese (Vigário e Falé, 1994; Mateus d'Andrade, 2010; Mateus et al, 2005; Moutinho e Teixeira, 2005; Moutinho e Oliveira, 2005; Oliveira, 2007; Veloso, 2008; Morais e Silva, 2010); on syllable and orthography in bantu languages (Ngunga, 2004; Ngunga e Faquir, 2011); and about bilingualism and bilingual education (Hamel, 1989; Beker, 1993; Patel, 2006) and o forth. As a result, the study shows that some syllabic standards occur in all the languages of this study (CV universal syllabic standard) and other structures only occur in Portuguese. The research shows also that the words indistinct syllabification in European Portuguese can be justified by a reduced stimulus for the teaching of bantu languages orthography allied to the European Portuguese since the bilingual education in Mozambique is incipient and less works have been carried out on the teaching programmes in Mozambique.

ÍNDICE

CAPÍTULO I:	11
1.1. Introdução	11
Estudos sobre o Português e a língua Copi.....	12
Mapa 1. Língua Portuguesa no Mundo.....	13
Mapa 2. Português como Língua Oficial	15
1.1.1.A Língua Copi.....	15
Mapa 3. Mapa da distribuição e codificação de Copi e as suas variantes segundo Guthrie (1967-71 apud Maho, 2009).....	16
Mapa 4: Área das LB e respectiva segmentação [Guthrie, M. (1967-1971)].....	17
1.1.2. Sistema ortográfico	18
1.1.3. As vogais.....	18
1.1.4. As consoantes.....	19
Quadro 1. Tabela de 29 sons consonânticos de Copi (Ngunga & Faquir, 2011).....	19
1.2. Enquadramento teórico	21
1.3.Objecto de estudo.....	21
1.4.Objectivos e hipóteses de pesquisa.....	22
1.4.1. Objectivos específicos	22
1.5. Hipóteses.....	23
1.6. Motivação	23
1.7. Metodologia	24

1.8. Local da pesquisa e participantes.....	24
1.9. O corpus e alguns procedimentos de pesquisa.....	25
1.10. Estrutura da dissertação	26
CAPÍTULO II:	27
2. REVISÃO DA LITERATURA	27
2.1. Introdução	27
2.2. Fonologia	28
Fonologia Métrica.....	28
2.3. O sistema vocálico	29
2.4. Ortografia.....	31
2.5 Translineação	32
Critérios específicos da translineação.....	33
2.6. Sílabas.....	33
2.6.1 Sílabas do Português Europeu	33
Representação de uma sílaba no modelo Ataque-Rima.....	36
2.6.2. Descrição dos constituintes silábicos em Português.....	36
2.6.2.1. Ataque	36
2.6.2.2. Rima.....	38
Representação em árvore	39
2.6.2.3. Núcleo	39
Representação em árvore	41

2.6.2.4. Estrutura Silábica Predominante no PE	41
2.6.2.5 A sílaba em Línguas Bantu	42
2.6.2.6. Estudos sobre a Sílaba em Línguas Bantu	42
2.6.2.7. Glide.....	45
2.6.2.8.. Hiato.....	45
CAPÍTULO III: Análise Comparativa da Sílaba em Português Europeu e nas línguas bantu (Cicopi)	46
3.1. Introdução	46
3.1.1 Princípios Particulares da Ortografia da Língua Portuguesa	47
Alfabeto do Português.....	47
Vogais do Português	47
Princípios da Ortografia da Língua Portuguesa	48
3.2. Princípios básicos para escrita das línguas Bantu de Moçambique.....	49
3.3. Estratégias de divisão silábica nas línguas bantu (Copi)	49
Quadro 2. Grafemas do alfabeto de algumas línguas bantu de Moçambique.....	51
3.4. A característica -CV- do radical verbal não extenso nas línguas bantu.....	54
3.4.1. a 3.4.5. Raízes verbais	54
3.5. Conteúdo do Corpus	55
Quadro 3. Lista de palavras sobre as quais ocorreu a má divisão silábica.	56
Quadro 4. Perfil dos Informantes seleccionados para a constituição do corpus.....	57
3.6. Análise Comparativa das Estratégias de Translineação em PE e nas línguas bantu .	58
3.7. Descrição da estrutura interna da sílaba em Português Europeu.	67

3.6. Critérios de Silabificação (Viário e Falé, 1994)	67
3.7. Princípios de Organização Silábica	69
3.7.1.Princípio de Sonoridade (PS).....	69
3.7.2. Princípio do Ataque Máximo (PAM)	70
3.7.3. Violação dos princípios gráficos: caso da vogal seguida de uma consoante gráfica nasal (VC)	72
3.7.4. Violação dos princípios gráficos: caso dos ditongos	76
3.7.5. Violação dos princípios gráficos: caso da combinatória das consoantes gráficas iguais (rr, ss) e (mn)	77
Quadro 5. Número e percentagem de respostas tendo em conta o tipo de ensino e os contextos de ocorrência de segmentos.....	80
Quadro 6. Resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade (%)	80
3.7.6.Sumário dos resultados	85
CAPÍTULO IV.....	85
4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	85
4.1.Recomendações.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
Anexo 1	94
Mapa 4: Mapa linguístico de Moçambique	94
Apêndices.....	95
Inquérito Sociolinguístico.....	95
Inquérito Linguístico.....	97

CAPÍTULO I

1.1. Introdução¹

O interesse dos estudos recentes da língua(gem), particularmente nos últimos anos do século passado, dá maior atenção a um campo particular de investigação que ficou conhecido por *Linguística Descritiva das Línguas Bantu*. O enfoque deste campo é descrever, analisando as línguas, as suas estruturas e as regras que regem o seu funcionamento em função da maneira como são usadas pelos falantes num certo intervalo de tempo (estudos sincrónicos). Aliado ao que acabámos de referir, temos o estudo da *Ortografia e Fonologia* que constitui a base de compreensão da estrutura gramatical das línguas bantu, como mostram os trabalhos de Meinhof (1932); Siteo (1996); Ngunga (1997); Liphola (2001); Ngunga (2000 e 2002), entre outros, que procuraram abordar a estrutura e funcionamento de línguas bantu em termos morfológicos e fonológicos.

No presente trabalho discutimos e analisamos as normas ortográficas que são dadas como convencionalizadas, arbitradas, socialmente negociadas e prescritas como única trajetória a ser seguida. Ademais, a apresentação e discussão de alguns fenómenos sobre a ortografia do PE e das LB visa confrontar alguns aspectos sobre a estrutura da sílaba das mesmas línguas, dado que este suprasegmento (sílaba) é um elemento importante na referência ortográfica, como mostra Ngunga e Faquir (2011).

Uma das razões que nos levou a trazer à superfície este tema prende-se com princípio *fonográfico*, segundo o qual a ortografia deveria estar mais próxima possível da pronúncia das palavras, o que não se observa nos textos escritos dos nossos alunos. O português e *Copi* (língua do grupo bantu) são as línguas convocadas para a discussão neste trabalho.

Pretende-se, assim, obter um conhecimento mais pormenorizado sobre os factores subjacentes à divisão silábica e translineação de palavras indiferenciadas no Português escrito numa província de Moçambique e verificar se os fenómenos fonológicos e didáctico-pedagógicos que têm sido apontados, pelos linguistas e pedagogos de ensino de línguas,

¹ A Dissertação será escrita na variante do Português de Moçambique dado que Moçambique ainda não ratificou o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 12 de Outubro de 1990.

como possíveis causas do défice domínio da ortografia nas línguas em estudo exercem, de facto, uma influência numa ou noutra língua em contraste.

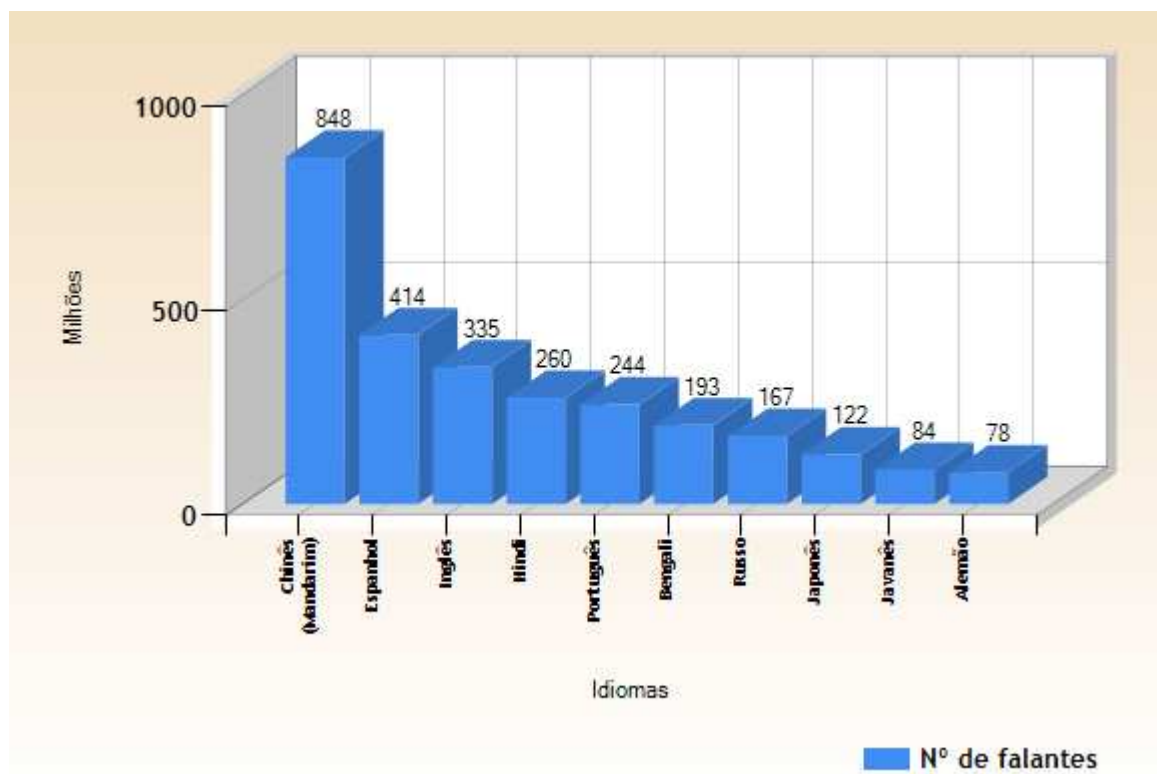
Estudos sobre o Português e a língua² Copi

Português e Copi, embora convivam no mesmo espaço geográfico (Moçambique), trata-se de duas línguas genealogicamente distantes. Como é do nosso conhecimento, a língua portuguesa é de origem românica (latina) enquanto Copi é uma língua bantu cuja origem é Congo-Kordofaniana.

Segundo Borregana (1996: 22), “a língua portuguesa é actualmente uma das línguas mais faladas no mundo. Ela encontra-se em terceiro lugar, em termos de número de falantes, entre as línguas novilatinas ou românicas, e em quinto lugar entre as línguas de todo o mundo. É falada por cerca de cento e setenta milhões de pessoas, distribuídas por todos os continentes.” No início deste século, o Português era a sexta língua materna a nível mundial e a terceira língua europeia mais falada no mundo, depois do inglês e do espanhol. O gráfico que se segue mostra a posição ocupada pela língua portuguesa no seio de várias outras mais faladas no mundo.

Veja-se o gráfico da distribuição de línguas que se segue.

²Língua é um sistema de comunicação verbal que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade. Na perspectiva de Saussure, a língua opõe-se à fala e designa o sistema de signos partilhado por uma comunidade de falantes. A fala, na perspectiva do mesmo estudioso, é um termo que se opõe a língua e designa a realização individual de enunciados em situação de comunicação.



Fonte: <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/as-linguas-mais-faladas/10-linguas-mais-faladas-no-mundo> (acedido em 12-09-2014).

Em Moçambique, dos 20. 366. 795 recenseados, segundo a publicação do Instituto Nacional de Estatística de Junho de 2010, cerca de 50.4% declararam que sabiam falar o Português. O número de falantes de Português como língua materna é de 10.7% até ao censo de 2007. Mesmo assim, embora seja resultante da colonização portuguesa, ela tem o estatuto de língua oficial e, segundo Lopes (2004: 19), “é o meio de comunicação nas áreas da administração e educação, e tem sido referida como símbolo de unidade nacional.”

Mapa 1. Língua Portuguesa no Mundo



In ATLAS ECO 2002, ATLAS ÉCONOMIQUE MONDIAL (données des bulletins mensuels de l'ONU, mi-1999; à l'exception de Timor.). Resultado provisório de recenseamento 2000: 170.000.000. Fonte: In État du Monde 2001, Éditions la Découverte

Como se pode observar, nesta parte do trabalho acabámos de apresentar a língua portuguesa no mundo, na secção que se segue iremos mostrar alguns países nos quais a mesma língua é oficial.

Mapa 2. Português como Língua Oficial



Fonte:³ Ethnologue, *Languages of the World*. 13.^a edição, 1999. Idem. 14.^a edição, 2000

1.1.1. A Língua Copi

Copi (S61) na classificação de Guthrie (1967-71), é uma língua bantu⁴ falada em Moçambique por cerca de 303.7040 pessoas de mais de cinco anos, segundo Ngunga e Faquir (2011: 212). O Copi faz limite com algumas línguas do Grupo Tshwa, nomeadamente Xichangana e Citshwa nas províncias de Gaza e Inhambane, sendo, pois, línguas inteligíveis. Esta língua entra em contacto com Citshwa nos distritos de Homoine e Panda. Nas zonas a que nos referimos o Copi apresenta algumas variações morfofonológicas em virtude do contacto linguístico dos falantes de Cicopi com os das línguas Changana e Citshwa, respectivamente.

As variantes faladas nestes distritos recebem uma outra designação. É por esta razão que se considera o Cicopi, a variante falada no distrito de Zavala, a variante de referência e a usada

³ Disponível em www.moodle.ua.com. Material da disciplina de Morfossintaxe Comparada do Português. Título do documento: O mundo do Português”.

⁴ A designação *línguas bantu* foi a classificação sugerida pela primeira vez por Bleek (cf. Canonici, 1991:8) para se referir a um grupo de línguas africanas com características comuns e com semelhanças do termo morfológico que designa *pessoas* (do prefixo da classe 2, “ba-” e do respectivo tema nominal “-ntu”).

neste trabalho visto que embora haja falantes de outras línguas bantu neste distrito, o efeito deste contacto é deveras reduzido, ou seja, não se faz sentir na gramática do Cicopi.

Veja-se, a seguir, o mapa que mostra a codificação da língua Copi de acordo com Guthrie (op.cit). Esta codificação permite distinguir esta língua de outras línguas bantu.

Mapa 3. Mapa⁵ da distribuição e codificação de Copi e as suas variantes segundo Guthrie (1967-71 *apud* Maho, 2009).



Ngunga e Faquir (2011: 212) citando o Censo populacional de 2007, defendem que a língua Copi é falada sobretudo nos seguintes distritos e localidades: província de Gaza: Manjacaze, Chidenguele e Chonguene; província de Inhambane: Zavala, Inharrime, Homoine e Panda.

De acordo com Siteo e Ngunga (*op.cit*), nesta língua podem identificar-se diferentes variantes⁶ assim distribuídas:

⁵ Mapa linguístico proposto por MAHO, Jouni. (2001). The Bantu area: (towards clearing up) a mess. In *Africa & Asia*, No 1, pp 40-49.

⁶O termo variante usamo-lo como um elemento neutro aplicável a cada um dos falares particulares que desejamos, para o propósito do nosso estudo, considerar como uma entidade particular. “ Este refere-se a diferenças no discurso falado ou escrito de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos conforme a situação tópico do interlocutor e do espaço. Pode ser observado sincronicamente no uso de diferentes grupos etários, fazendo parte os sons, as palavras, ou estruturas fráscas” Xavier, M.F e Martins, MH. *Dicionário de termos Linguísticos*.(SD). Morais (S/d) faz outro uso do termo e refer que variante é a forma linguística que

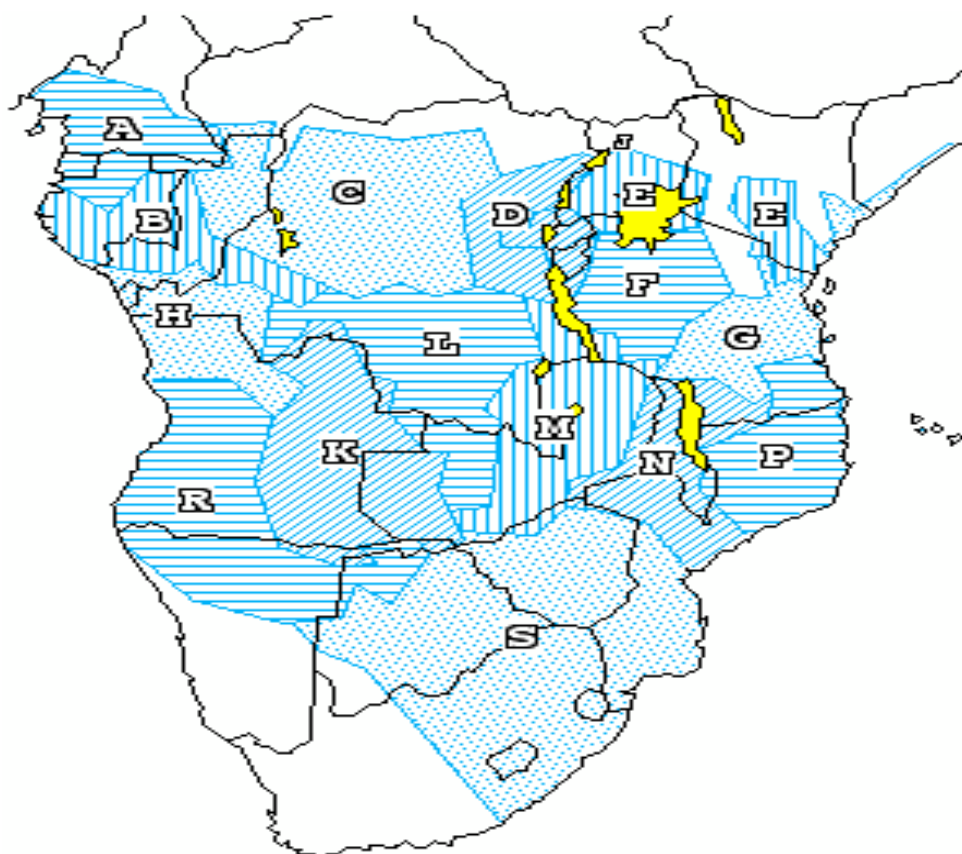
- a) Cindonje, falada no distrito de Inharrime, na província de Inhambane;
- b) Cilenje, falada em Chidenguele, Nhamavila, na província de Gaza;
- c) Citonga, falada em Mavila, Quissico até limite de Jangamo na província de de Inhambane;
- d) Cicopi, falada de Mavila até Madendere, este último distrito pertence a província de Gaza;
- e) Cilambwe, falada em junto do lago Quissico, na província de Inhambane e Cikhambani, falada em Homoine, Panda, na província de Inhambane.

As variantes de Copi acima indicadas mostram que no seio do mesmo grupo linguístico é possível encontrar certas diferenças em função da região geográfica além das que se pode encontrar em virtude do contacto linguístico dos *Vacopi* com o Português, pois é do nosso conhecimento que Moçambique é um país multilingue onde a maior parte das línguas maternas (L1) dos falantes pertencem à família bantu. O mapa que se segue mostra, em particular, a distribuição geográfica do povo Copi e de outros grupos linguísticos, em geral.

Mapa 4: Área das LB e respectiva segmentação [Guthrie, M. (1967-1971)]

Fonte: Jouni Maho (*A Comparative Study of Bantu Noun Classes*)

representa uma das alternativas possíveis para a expressão, num mesmo contexto, de um determinado elemento fonológico, morfológico, sintáctico ou lexical.



No que diz respeito à história deste povo, Nhantumbo (*op. cit*), citando dos Santos (1941), refere que o termo copi vem do Zulo “*kucopa*” que significa atirar com arco, donde se formou o substantivo “*vacopi*” atiradores de arco. Este nome designava os povos que, a Leste do Limpopo, viviam sob o signo de arco sendo pois o arco e as setas as suas armas favoritas na caça e na guerra (*id. ibid*). Entretanto, o *Cicopi* é a variante de referência e, por isso, escolhemo-la para a usar na análise dos nossos dados em comparação com o Português Europeu.

1.1.2. Sistema ortográfico

1.1.3. As vogais

Esta língua, de acordo com Siteo & Ngunga (2000), possui cinco vogais fonémicas, nomeadamente, /a, e, i, o, u/. Estas vogais, podem ser breves ou longas, dependendo da posição da sílaba de que são núcleo na palavra. As vogais realizam-se como longas sempre que estiverem na penúltima sílaba de uma palavra, e breves quando ocorrem em qualquer

outra posição. Portanto, o alongamento vocálico nesta língua é totalmente predizível. Por isso, não é assinalado na escrita como advoga Ngunga (*op. cit.*). No entanto, recomendamos a sua representação gráfica numa certa classe de palavras, nomeadamente os ideofones.

1.1.4. As consoantes

As consoantes estão contabilizadas em 29, e podem ser simples, a saber: b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z; dígrafos, a saber: bh, dh, jh, ny, ps, pf, sw, ts, vh, zw.

A tabela a seguir apresenta os pontos e modos de articulação dos sons consonânticos de Copi. A parte que se segue será dedicada à fonologia que é onde veremos algumas modificações que quase todas as consoantes sofrem como resultado das interações entre si ou entre elas e algumas vogais no acto da fala.

Quadro 1. Tabela de 29 sons consonânticos de Copi (Ngunga & Faquir, 2011)

Lugar Modo	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Faringal
Oclusiva						
(-) Voz	p		t	c	k	
(+)Voz	bh		dh		g	
Implusiva	b	V	d			
Fricativa						
(-)Voz		f	s			h
(+)Voz		vh			g	
Africado	ps	pf	ts			
(-)Voz						
(+)Voz		bv	dz			hw
Nasal	m		n	ny	n'y	
Lateral			l			
Vibrante			r			
Semi-vogal	w			y		

Muitas consoantes desta língua podem ser modificadas com a pré-nasalização (b, f, p, v, t, d, z, etc.) para (mb, mf, mp, mv, nt, nd, nz, etc.). Nesta língua também se reconhecem outros tipos de modificação de consoantes, nomeadamente, a aspiração, a palatalização, a labialização e a velarização.

1. Aspiração: as consoantes nas línguas Bantu podem sofrer várias modificações, uma delas é a aspiração que resulta da combinação de uma consoante com o fonema /h/. Neste caso, a consoante em causa antecede o fonema /h/. Veja-se o exemplo a seguir.

- a. -kala ‘desapareça (por algum tempo)’.
- b. -**kh**ála ‘reclamar’.

Neste exemplo a diferença entre o desaparecer por algum tempo expresso em a) e o reclamar referido em b) é marcada pelo grafema “h” que é a tal marca de aspiração nesta língua.

2. No que toca à palatalização, Kunene⁷, citando Bloomfield (1965); Hyman (1975) Antilla (1972) e Arlotto (1972) consideram que a palatalização é um processo de assimilação que muda o lugar de articulação da consoante para ser produzida na zona palatal sob a influência da vogal [i] palatal e da glide [y]. Os exemplos que se seguem demonstram a ocorrência deste fenómeno.

- a. ci- + -ala = **cy**ala ‘unha’
- b. libhi- + -asu = libh**y**asu ‘vara’

3. Labialização ou Lábio-velarização é o processo que consiste em modificar uma consoante através da inserção da semivogal (w), considere os exemplo que se seguem: c) kupata ‘unir’, d) kupwata ‘não possuir algo’

4. A pré-nasalização consiste em preceder uma consoante de uma nasal. Este fenómeno, de acordo com Ngunga & Faquir (*op.cit*) será assinalado por n, com excepção das consoantes **b**, **f**, **p** e **v** e as combinações por elas iniciadas, que são pré-nasalisadas por **m** Vejamos os exemplos abaixo:

- (3) a. **m**biya ‘prato de madeira’
- b. **n**dere ‘tuberculose’
- c. mang**a**va ‘dívidas’
- d. **m**vuta ‘ovelha’

A pré-nalisação tal como a velarização e a palatização em Copi, pode modificar consoantes já modificadas. Vejamos os exemplos:

- (12) a. **ng**wenya ‘crocodilo’
- b. the**mb**weni ‘no campo lavrado’
- c. sin**ing**wa ‘doador’

⁷ In The Linguistic Association for SADC Universities (LASU). 1991.

Em (12) as consoantes **g** e **b** sofrem duas modificações, a velarização e a pré-nasalização. Regra geral, no *Copi*, as vogais quase sempre ocorrem depois das consoantes (CV), salvo algumas exceções. Entretanto, há casos em que temos sequências do tipo CVVC, onde a sequência VV é uma sequência de vogais. Estas sequências formam os hiatos que a língua prontamente procura eliminar com recurso a vários processos fonológicos.

1.2. Enquadramento teórico

O suporte teórico da pesquisa está assente na *Teoria do Peso Fonológico* (Hyman 1985), coadjuvada pela *Teoria Autossegmental* de Goldsmith (1976). A Teoria do Peso Fonológico (TPF) ou simplesmente Teoria Mórica (TM), sustenta que a unidade mínima do peso numa sílaba é o seu núcleo representado pela mora (μ). A mesma teoria ainda sustenta que as sílabas podem ser monomóricas (leves), bimóricas (pesadas) e trimóricas (superpesadas).

O primeiro autor a escrever sobre esta teoria, foi Hyman (1984,1985) que seguidamente foi criticado por Odden (1986). Hayes (1986) apercebendo-se das críticas, melhorou as assunções de Hyman (op. cit) estabelecendo a existência do alongamento compensatório.

Vários autores (McCarthy e Prince (1986), Itô (1986, 1988), Oostondorp (2005), entre outros, entraram na onda de discussão e desenvolvimento da Teoria do Peso Fonológico.

A Teoria Autossegmental foi fundada por Goldsmith (1976), sustentando que não existe nenhuma ligação binária entre os segmentos e os seus acompanhantes representados no nível autossegmental, quer, o tom, quer a mora ou mesmo o acento. Assim, esta teoria irá ajudar-nos a organizar e interpretar os traços que através de nós, se interligam às moras representadas no nível autossegmental com as vogais patentes no nível segmental, constituindo para efeitos do nosso estudo, um complemento importante da Teoria Mórica de Hyman (1985) em que nos baseamos.

1.3. Objecto de estudo

O objecto de estudo deste trabalho é a **sílaba** que se define como “unidade de som situada ao nível imediatamente superior ao do fonema” (Ngunga, 2004). É um elemento importante na referência ortográfica.

1.4. Objectivos e hipóteses de pesquisa

Conscientes de que, em linguística, a análise contrastiva é um tipo de estudo que procura encontrar as diferenças entre as línguas comparadas de modo a prever as possíveis transferências⁸, sejam positivas ou negativas, este trabalho com o título “*Análise Comparativa da Sílabas em Português Europeu e nas Línguas Bantu*” tem o objectivo de analisar e descrever do modo contrastivo as estruturas silábicas do Português Europeu e as do Copi (S61) de acordo com a classificação de Guthrie (1967-71).

1.4.1. Objectivos específicos

Para cumprir o objectivo geral deste projecto, definiram-se os seguintes objectivos específicos:

- (i) identificar os elementos semelhantes e diferentes que ocorrem tanto no Português Europeu quanto em Copi no que tange aos processos de translineação de palavras e divisão silábica;
- (ii) averiguar se a decomposição silábica indiferenciada no Português escrito pelos alunos depende ou não da estrutura da Sílabas da língua Bantu (Copi);
- (iii) realizar uma descrição detalhada das estruturas silábicas problemáticas na translineação efectuada pelos nossos informantes;
- (iv) propor estratégias que permitam mitigar a translineação indiferenciada de unidades lexicais na ortografia das línguas do grupo Copi;

Assim, a pesquisa será orientada no sentido de dar resposta às seguintes perguntas:

- a. Que factores estão na origem da translineação indiferenciada das palavras e da consequente dificuldade divisão silábica em Português nos alunos bilingues?
- b. Haverá, nas línguas bantu (*Copi*), regras que regem o processo de translineação de unidades lexicais?

⁸ Cf. Bernardo (2009:8).

1.5. Hipóteses

As dificuldades na identificação de fronteiras de sílabas nas palavras do Português podem resultar do facto de:

- (i) os alunos não terem tido escolarização inicial nas suas línguas bantu, ou seja, os aprendentes do Português nas escolas em estudo não têm conhecimento sobre a ortografia das suas línguas bantu;
- (ii) as línguas do grupo Bantu terem como modelo da sílaba a estrutura CV(V) que é diferente das encontradas no Português, nomeadamente: VC, CVC, CCV, CCVC, entre outras;
- (iii) existir uma diferença significativa entre os alunos da 10^a classe de Inhambane e um grupo de formandos do Instituto de Formação de Professores de Homoine quanto à actualização de regras de divisão silábica na língua portuguesa;
- (iv) não haver consenso sobre as regras de segmentação de unidades lexicais na língua bantu (LB) convocada para o debate;
- (v) não abordar temas ligados às áreas/zonas de tensão fonética entre a LP e as LB nas aulas do ensino bilingue nos casos que encontramos: -em palavras diferentes um fonema para vários grafemas: **seta**, **cebola**, **excesso**, **açúcar**, **auxílio**; -um grafema para vários fonemas: **guerra**, **garra**; -na mesma palavra, dígrafos: **chuva**, **pássaro**, **carro**; -grafemas mudos: **guerra**, **quero**, **actuar**...

1.6. Motivação

A constatação do modo quase regular/sistemático nas redacções dos alunos da muito larga maioria das unidades lexicais nas quais se efectuou a translineação indiferenciada, ou seja, translineações incoerentes e “contraditórias” de sílabas aliada ao facto de poucos estudos feitos nesta área estarem aquém do esperado, motivaram a presente investigação.

Por outro lado, durante algum tempo, temos vindo a verificar que os autores de textos diferentes (alunos) representam sílabas distintas de modo aleatório e, por vezes, a mesma palavra é representada com sílabas diferentes. Essa situação também motivou a necessidade de criação de um instrumento de reflexão (projecto de pesquisa), com a finalidade de lançar as bases de uma discussão mais ampla e estruturada sobre a fonografia envolvendo a língua portuguesa e o grupo Copi (S60).

1.7. Metodologia

Esta pesquisa é de cunho etnolinguístico⁹ o que implicou a realização de um trabalho de campo para a geração dos registos que forneceram os dados para a análise comparativa, através de entrevistas informais e conversas com os professores e outros participantes, observação de aulas de programas de educação bilingue e monolingue e notas de campo.

Nas conversas com os professores, procurámos saber como é que estes têm desenvolvido o ensino de ortografia das línguas em estudo, o que implicou a recolha de diferentes estratégias de abordagem da sílaba no que tange aos mecanismos de identificação de suas fronteiras. Usou-se um inquérito sociolinguístico e linguístico. O mesmo incluiu *vários exercícios sobre a translineação, divisão silábica*. Além disso, um estudo documental também contribuiu para constituir o corpus do estudo.

Assim, além do exposto acima, para materializar os objectivos visados no trabalho, recorreu-se a vários métodos, nomeadamente: *a)* o **filológico** que consistiu na consulta e confrontação de perspectivas diferentes de autores que analisaram o tema em estudo; *b)* o **introspectivo** pois servímo-nos do conhecimento que o autor do trabalho tem sobre as línguas comparadas neste trabalho.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa, de natureza comparativa, sustentou-se à luz de algumas teorias sobre a pesquisa de cunho etnolinguístico (Garmadi, 1983) sobre estudos linguísticos e linguística bantu (Dubois *et al*, 1993, Hyman, 1985, Katamba, 1989, Siteo, 2006, Maho, 2001, Mateus, Maria Helena *et al*, 2005, Ngunga, 2004), sobre bilinguismo e educação bilingue (Baker 1993; Patel, 2006, Romaine, 1995; Hornberger 2003), bem como sobre o contexto sociolinguístico em África e Moçambique (Dias, 2009, Gonçalves, 2010, Firmino, 2006; Mendes, 2010, Lopes 2004).

1.8. Local da pesquisa e participantes

A geração de registos foi, principalmente, realizada em duas escolas com turmas de educação bilingue e monolingue, numa província do país, Inhambane, em contextos de língua Copi. Uma das razões da escolha de escolas com a mesma língua local prende-se com questões de

⁹Estudo descritivo da linguagem em seu contexto social, e das relações entre a linguagem e os demais aspectos da sociedade e da cultura. A etnolinguística ocupa-se igualmente dos problemas da comunicação entre povos de línguas diferentes ou da utilização, por um povo dominado, de duas ou mais línguas (plurilinguismo). (Cf. Dubois *et al*, 2006. p.254).

pesquisa que poderão fornecer algumas informações que mostrem as estratégias de ensino-aprendizagem de professores que partilham a mesma língua moçambicana bantu, mas de variantes diferentes, que adoptam para o ensino e daí alargar a experiência a outros programas de educação bilingue, em outros contextos.

1.9. O corpus e alguns procedimentos de pesquisa

A recolha de dados baseou-se em 45 alunos falantes nativos de Copi que, ao mesmo tempo, são falantes de Português, bem como no próprio autor. Os informantes abordados são residentes nos distritos de Zavala e Homoine (Inhambane) e têm a idade compreendida entre 18 a 25 anos.

No inquérito sociolinguístico, o factor sexo não se considerou como relevante, visto que, de acordo com Afido (1997) e Bernardo (2009), o discurso de um falante nativo adulto com competência linguística apropriada pode servir de base de análise independentemente do sexo.

A base empírica é constituída por um conjunto de quarenta e cinco (45) composições escritas, realizadas em 2014, por igual número de alunos da 10^a classe e do II ano (10^a+2) do curso de formação de professores de dois estabelecimentos de ensino dos distritos de Zavala e Homoine, província de Inhambane.

Entre as redacções mencionadas, referem-se, por um lado, as dos formandos que beneficiaram do ensino de Línguas Bantu e Metodologias de Educação Bilingue no Instituto de Formação de Professores de Homoine, e, por outro lado, as dos alunos do ensino monolingue na Escola Secundária de Quissico.

As redacções abordam os seguintes temas transversais: *Direitos humanos, A violência doméstica, A educação; O HIV/SIDA, Malária e Desastres Naturais.*

A produção das composições foi orientada pelo pesquisador, ou seja, os alunos foram orientados a incluir, no conjunto do seu vocabulário básico, algumas palavras do Português com estruturas silábicas nas quais se constatou com alguma regularidade enormes dificuldades de as fragmentar. Entre outras, incluíu-se as que exibem os grupos consonânticos considerados mais problemáticos para a identificação das fronteiras das sílabas, nomeadamente:

- a) a sequência de uma consoante oclusiva mais uma nasal /pn/, /dm/, /gn/;

- b) a sequência de uma consoante oclusiva mais fricativa /bs/, /ps/;
- c) a sequência de uma oclusiva mais outra oclusiva /kt/ /pt/, /bd/;
- d) a sequência oclusiva e vibrante /br, tr, dr, kr,gr/.

As redacções que exibem de forma mais sistemática a gritante dificuldade na divisão silábica foram seleccionadas e, posteriormente, transcritas à luz das regras de transcrição e transpostas de Português para a língua bantu em estudo. Os dois grupos de alunos fizeram as redacções em ambas as línguas, isto é, primeiro em Português depois em Copi.

Para que os alunos não contornassem a dificuldade a que nos referimos anteriormente, o pesquisador previu exercícios de divisão silábica e translineação, tal como dissemos no primeiro parágrafo da página cinco deste projecto.

1.10. Estrutura da dissertação

Estruturalmente, o presente trabalho encontra-se organizado do modo que a seguir se apresenta.

No presente capítulo, o primeiro, fazemos a introdução geral, contendo a delimitação do estudo, as perguntas de investigação, as hipóteses. Aqui também apresentamos, as línguas em estudo, os objectivos, a motivação, o enquadramento teórico, a metodologia usada na recolha e tratamento de dados bem como a organização do trabalho. Este capítulo surge enriquecido com mapas que permitem uma maior localização geográfica das línguas convocadas para o debate e identificar a respectiva codificação linguística para o caso das LB.

No segundo capítulo fazemos a revisão da literatura e discussão dos conceitos básicos sobre a sílaba em Português Europeu e nas LB os vários posicionamentos existentes sobre as estratégias de translineação de palavras nas duas línguas em confronto. Aqui damos especial ênfase à teoria mórica e aos critérios de silabificação em PE definidos como o quadro teórico a seguir na análise de dados.

O terceiro capítulo conta com apresentação e análise de fragmentos de textos escritos seleccionados após a aplicação da metodologia explicitada no primeiro capítulo. Neste capítulo, são apresentados os exemplos do Português nos quais existe a divisão silábica e translineação indiferenciadas de palavras. A constituição desse corpus e os procedimentos adoptados na sua recolha e análise, integram, igualmente, o terceiro capítulo desta

dissertação. Apresenta-se e analisa-se à luz dos princípios sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, neste capítulo, fragmentos de textos escritos em Copi.

No capítulo final, o quarto, apresentamos as devidas conclusões a que se chegou no presente estudo e as propostas para trabalhos subsequentes, antes de tratarmos das recomendações finais.

Uma lista de referências bibliográficas, abarcando as fontes revisitadas, durante a realização do presente trabalho e os anexos (inquérito sociolinguístico e alguns textos escritos da autoria dos nossos informantes) complementam, isto é, fazem a segunda face do conteúdo veiculado nesta dissertação.

CAPÍTULO II

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Introdução

A função principal da revisão de literatura é estabelecer uma base científica para a formulação das hipóteses ou questões de investigação e fazer o enquadramento teórico do processo de desenvolvimento de um projecto de investigação em função da lógica predominante (quantitativa/dedutiva ou qualitativa/ indutiva). A revisão da literatura¹⁰ serve igualmente para construir uma plataforma do conhecimento e ideias existentes sobre um determinado tema.

É na esteira do que se disse no parágrafo anterior que apresentamos o presente capítulo dedicado ao estudo dos pontos de vista de alguns autores sobre a sílaba e translineação de palavras no geral e, em particular, sobre a sílaba e translineação de unidades lexicais em

¹⁰ Cf. UP. *Normas para Produção e Publicação de Trabalhos Científicos na Universidade Pedagógica*. Maputo. 2009

Português Europeu e na língua Copi, incluindo os conceitos operatórios usados nos estudos deste nosso trabalho e matérias afins.

2.2. Fonologia

De acordo com Dubois (1972), Fonologia “é a ciência que estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística”. Por sua vez, Ngunga (2004:56) diz que a “a fonologia estuda sistemas de sons da fala, sua estrutura e sua função na língua”. Bachett (2006) refere que fonologia é “estudo dos sons da fala com realce para o seu papel na transmissão de mensagens entre falantes” por causa do seu carácter simplista para qualquer indivíduo, linguista ou não.

Conforme Dubois (*op. cit.*),

A Fonologia estuda os elementos fónicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente (a diferença fônica no início das palavras do português *bala* e *mala*, a diferença de posição do acento, no português, entre *sábia*, *sabia* e *sabiá*, etc.), e aqueles que permitem reconhecer uma mensagem igual através de realizações individuais diferentes (voz diferente, pronúncia diferente etc).

Mateus et al. (2003:989) refere que “a fonologia tem como objecto de estudo as mais pequenas unidades da língua, os segmentos fonológicos, a sua organização em sistema e os processos e regras a que estão sujeitos esses segmentos”.

Estes três autores convergem ao referir que a fonologia pretende estudar os sons sob o ponto de vista comunicativo, ou seja, a fonologia é uma subárea da linguística que estuda a função dos sons da fala numa certa língua.

Os vários rumos que tomou a Fonologia nos últimos tempos produziram trabalhos em áreas internas da Fonologia gerando abordagens específicas, como a Fonologia Auto-segmental, a Fonologia Lexical, a Fonologia Métrica, a Fonologia Prosódica. Dentro desse quadro mais geral, podem-se encontrar modelos fonológicos variados, como a Fonologia de Geometria de Traços, a Optimalidade em Fonologia, etc. (Cagilari, 1997.p. 88).

Fonologia Métrica

A Fonologia Métrica, como as demais fonologias não-lineares desenvolveu-se a partir dos anos 70 e, sobretudo, nos anos 80. Há vários tipos de Fonologia Métrica, cuja preocupação principal está voltada para os fenómenos dependentes da fonotática, em particular **da sílaba** e dos fenómenos rítmicos, em geral. (Cf. Cagilari, *op.cit.* p.89).

Nesta dissertação vamos tratar destes últimos fenómenos da Fonologia, ou seja, a sílaba em PE e nas LB (Copi), como se verá nos capítulos subsequentes.

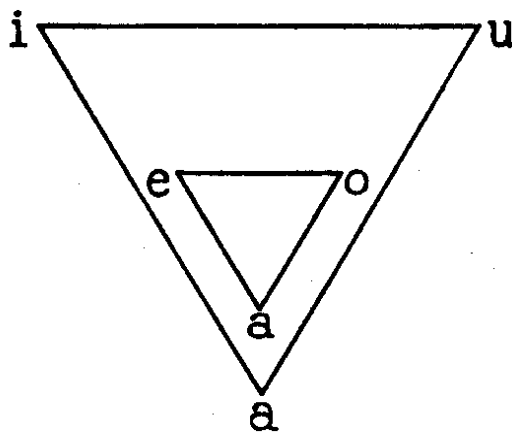
2.3. O sistema vocálico

Para Ngunga (2002), vogais “são sons vocálicos produzidos através do ar que sai dos pulmões para o exterior sem sofrer nenhum tipo de obstrução”.

Segundo Maddieson (2003), a maior parte das línguas bantu tem um sistema simples de cinco ou sete vogais e estes dois padrões de vogais altas, baixas e médias podem significar diferenças entre as línguas. A nasalização de vogais é uma característica pouco frequente nas línguas bantu (Maddieson 2003).

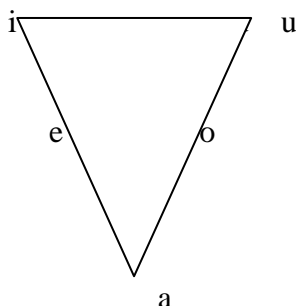
Doke (1931) diz que existem na fonologia bantu três vogais básicas (*i*, *a*, *u*) e três secundárias (*e*, *ə*, *o*) perfazendo um total de seis vogais, com a repetição de uma (*a*) que na pronúncia é a mesma vogal, mas potencialmente diferente do outro */a/*.

Figura 1: Triângulo vocálico das línguas bantu (Doke 1931)



De acordo com Siteo e Ngunga (2000), o Cicopi possui cinco vogais (*a, e, i, o, u*) que podem ser representados de acordo com Ngunga (2002), da seguinte maneira:

Figura 2. Triângulo vocálico



As vogais *i* e *u* são consideradas altas, *e* e *o*, são médias e a vogal *a*, é baixa. Embora estas vogais possam ser produzidas com uma duração maior num caso (longa) e menor noutros casos (breve), a diferença entre longa e breve nunca é representada na escrita (Siteo e Ngunga 2000), como se pode ilustrar nos exemplos que se seguem:

(1) Copi:	a) khala	‘reclamar’	/kháála/
	b) moya	‘ar’	/móóya/
	c) cipuni	‘colher’	/ʃipúúnu/
	d) mafu	‘areia’	/mááfu/
	e) didhoropa	‘cidade’	/didoróópa/
	f) thembweni	‘na machamba’	/thembweééni/

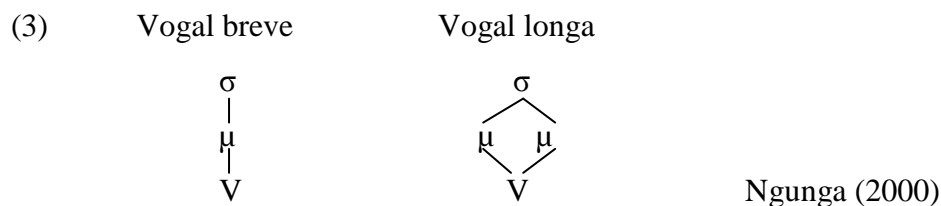
Nestes exemplos, e em quase todas as palavras desta língua, a penúltima vogal é sempre longa, tal como se pode ver na transcrição fonémica dos exemplos acima. Pelo facto de este alongamento em Copi, ou seja, por ser predizível ele não é representado na escrita do Cicopi em particular.

Este facto, de o Cicopi ter um alongamento na penúltima sílaba, também ocorre em Changana. Segundo Siteo (2012) na língua Changana, a duração das vogais ocorre na penúltima sílaba, embora haja excepções nos casos de demonstrativos, interjeições e ideofones¹¹.

¹¹ Ideofones são definidos como a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade etc, e a consequente reacção ou construção psíquica dos mesmos na cabeça do indivíduo. (Cf. Doke, 1968 apud

- (2) Changana: a) hosi ‘rei’ /hoosi/
 b) lexiya ‘aquele’ /lexiyaa/
 c) xilepfu ‘queixo’ /xileepfu/

Por sua vez, Ngunga (2000) aparece a representar a diferença da duração vocálica breve e longa, com recurso à moras da seguinte maneira:



Onde: σ = sílaba;

μ = mora;

V = vogal.

A representação acima significa que a vogal breve possui uma mora e a vogal longa possui duas moras.

Ngunga (2002:28) refere que “uma vez que cada vogal ocupa uma posição ou um lugar na sílaba ou na palavra, o ‘desaparecimento’ dela, como consequência da aplicação de uma das regras, deixa um lugar vazio que tem de ser obrigatoriamente preenchido”. Diz ainda que “o preenchimento do referido espaço vazio cabe ou à vogal que ocasionou o ‘desaparecimento’ da vogal, ou à vogal que resulta do ‘desaparecimento’ das duas vogais que anteriormente ocupavam dois espaços”.

2.4. Ortografia

Como alude Costa (2010:107) as palavras de uma língua representam-se na escrita¹² através de sinais gráficos (letras), cujo conjunto ordenado constitui o alfabeto. De acordo com Costa (op.cit) “a ortografia é o conjunto de normas que definem a utilização dos sinais gráficos.”

Ngunga, 2004, p. 195). Os ideofones podem ser construídos a partir de nomes, verbos, adjetivos, advérbios, interjeições, numerais, conjunções e pronomes.

¹² Entenda-se a escrita é um sistema de sinais convencionais, usado por uma comunidade, destinado à fixação da linguagem num suporte material.

Para Cavacas e Gomes (2005:22) a ortografia é uma convenção, isto é, a ortografia é o conjunto de princípios definidos (até legalmente definidos) para que, por escrito, cada um entenda quais as palavras que o seu correspondente (ou seu jornal ou seu autor) lhe dirigiu e vice-versa.

A definição acima apresentada parece reduzir a actividade ortográfica a simples delimitação de códigos a serem observados na escrita de uma certa língua, porém como postula Silva e tal (2005:10) “numa língua como o português, vemos hoje que a norma ortográfica envolve não só a definição das letras autorizadas para se escrever cada palavra, como também a segmentação destas no texto e o emprego da acentuação.

Em conformidade com Da Silva (2005:32) a ortografia é “uma técnica gráfica, vinculada por um acordo normativo, ou seja, é uma arte que consiste em desenhar num espaço concreto os grafemas definidos para o registo escrito de uma dada língua, seguindo-se um conjunto de regras combinatórias e de usos, ambos codificados”.

Gonçalves (1992: 53) desenvolve esta ideia da seguinte forma: “o conceito de ortografia (...) implica o conhecimento de uma norma e a aceitação ou a rejeição de certas formas, com base nos princípios que formam a citada norma”. A ortografia pressupõe, consequentemente, a aprendizagem de uma dada técnica.

Duarte Nunes de Leão (ed. de 1983) apud Da Silva (op.cit) define ortografia como “a ciência de bem escrever qualquer linguagem: porque por ela sabemos com que letras se hão-de escrever as palavras. E diz-se *orthos*, que quer dizer direito, e *grapho*, escrever, como se disséssemos ciência de diretamente escrever”.

Pelo que acabámos de apresentar, constata-se que a ortografia é um domínio da língua que abarca, entre outras actividades linguísticas, a segmentação ou translineação de unidades lexicais.

2.5 Translineação

Nesta secção do trabalho iremos tentar distinguir a divisão silábica da translineação, pois é corrente usar-se hífen para marcar tanto a divisão silábica quanto a translineação. No entender de Cavacas & Gomes (*Ibid*, p.192) “a divisão silábica não é igual a translineação”.

Estes estudiosos advogam que a divisão silábica corresponde a separação das sílabas fonéticas, à cadência com que as enunciamos, à soletração. A translineação corresponde, como o nome indica, à separação das sílabas ortográficas, ao corte da palavra para efeitos da mudança de linha. E será, por exemplo: Nas cor-ridas suces-sivas ab-dicámos da água (indivisível).

A translineação, em princípio, assenta na divisão silábica.

Ex. ca-be-lei-ra;

des-pen-te-a-da.

CrITÉRIOS ESPECÍFICOS DA TRANSLINEAÇÃO

1. Não se separam:

- a. Uma vogal isolada no fim ou no princípio de linha. Ex. le/vo-a; be/bo; água (indivisível); ave (indivisível); voa (indivisível);
- b. A consoante inicial seguida de outra consoante. Ex. pneu-monia, psi-cologia.
- c. Os grupos consonânticos cuja segunda é **l** ou **r** e a primeira são uma consoante oclusiva ou fricativa (**p, b, t, d, c, g, f, v**). Ex. apre-sentar, acla-mar, re-flectir, atre-ver-se, atle-ta, abrir, regar.

Fonte: Cavacas e Gomes (2005. p. 192-194)

2.6. Sílabas

2.6.1 Sílabas do Português Europeu

Esta secção dedicar-se-á à descrição da Sílabas em português, sua estrutura e constituintes.

Não obstante todos os séculos tenham sido relevantes para o estudo de vários fenómenos de línguas diversas, o século XVI joga um papel importante para a análise dos aspectos prosódicos da língua portuguesa, pois foi neste século que, de acordo com Oliveira (2007:16), se assiste ao reconhecimento da unidade silábica como um traço suprasegmental relevante através de estudos como os de Oliveira, Barros e Barbosa¹³.

¹³ Cf. Vigário & Falé (1994)

No entanto, Oliveira (op.cit) citando Maria Helena Mira Mateus (2003: p.39) refere que a primeira possível categorização dos elementos constitutivos da sílaba em Português Europeu foi feita por Viana, em 1983.

Segundo Vigário e Falé (1994:1), o estudo da sílaba tem suscitado controvérsias diversas que advêm, entre outros factores, da dificuldade em definir objectivamente a unidade sílaba. Esta dificuldade encontra-se espelhada, quer nas definições de sílabas que têm sido dadas, quer nas reflexões de alguns autores portugueses que se debruçam sobre este assunto. Em Cunha & Cintra (1987:54), a título exemplificativo, pode ler-se: *A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de sílaba.*

A confirmar este dado sobre a ausência de consenso sobre este elemento prosódico, Sá Nogueira (1942:1, *apud* Vigário e Falé, op.cit) postula que o problema da sílaba, do que ela é, do que a determina, de onde ela começa e onde acaba, tem despertado a atenção dos gramáticos e dos filólogos, pois questiona-se se ela existe. Será ela uma realidade ou uma ficção?

De acordo com Mateus *et al* (2000: 38) *apud* Oliveira (2007) a sílaba tem sido vulgarmente definida como uma construção perceptual, isto é, uma estrutura edificada intuitivamente na mente do ouvinte, que revela uma organização hierárquica.

A sílaba, enquanto constituinte prosódico, está intimamente relacionada com o ritmo do discurso falado, desempenhando também um papel relevante na interpretação do seu significado (Mateus, *et al.*, 2003: p.1037)

Contudo, esta concepção da sílaba enquanto entidade fonológica, com um sistema de regras próprio, apenas surgiu com a teoria fonológica generativa multilinear. É a partir daqui que se passa a considerar a sílaba como uma unidade linguística regida por uma estrutura interna organizada hierarquicamente, onde o Ataque e a Rima compõem os braços deste esquema em árvore (Mateus, 2003: p.38).

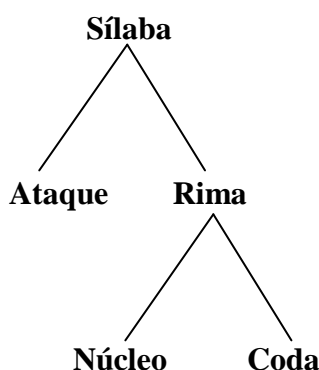
Na perspectiva do modelo generativo multilinear, a sílaba é uma unidade linguística importante hierarquicamente organizada (Oliveira *et al*, 2005).

Chama-se sílaba à estrutura fundamental, na base de agrupamento de todos os fonemas da cadeia da fala. Esta estrutura fundamenta-se sobre o contraste entre os fonemas tradicionalmente chamados de vogais e consoantes (Dubois *et al*. 1993:547).

Numa perspectiva tradicional, as sílabas são entendidas como unidades que reúnem sons em grupos prosódicos internos à palavra, os quais se caracterizam:

- (i) Por exibirem sempre uma vogal;
- (ii) Por serem produzidos num só movimento expiratório.

Para a descrição da estrutura interna da sílaba e para o estabelecimento da relação entre posições silábicas dos segmentos e processos que o afectam em português europeu, tem sido adoptado o modelo de “**Ataque-Rima**”, como se pode ver a seguir:

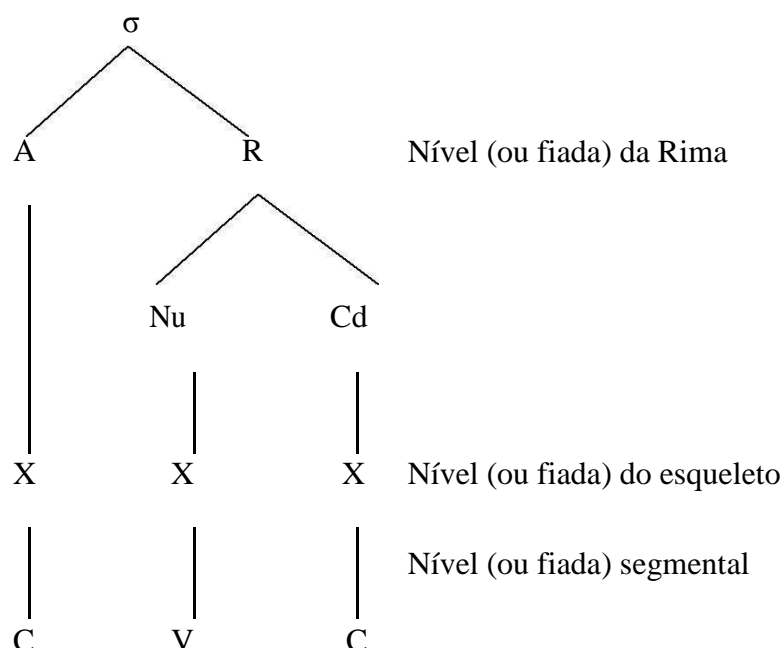


Pelo exposto acima, no modelo de “**Ataque-Rima**” que nos é proposto em Português, a Sílaba é uma unidade prosódica hierarquicamente organizada em constituintes silábicos dispostos do modo que a seguir se apresenta¹⁴:

- no nível da Sílaba, o nó Sílaba (σ) domina os constituintes Ataque (A) e Rima (R).
- no nível da Rima, o Ataque e a Rima são nós irmãos. A Rima é constituída por Núcleo (Nu) e Coda (Cd).
- os constituintes terminais (Ataque, Núcleo e Coda) estão associados a posições rítmicas, ou seja, a posições do esqueleto, no nível do esqueleto.
- os constituintes podem ramificar em duas posições; no caso de um constituinte terminal, a não ramificação corresponde a uma posição no nível esqueleto e a ramificação corresponde a duas posições no nível de esqueleto;
- cada posição rítmica ou de esqueleto pode ou não estar associada a um nó Raiz, no nível segmental.

¹⁴Cf. MATEUS, Maria Helena et al (2005). *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa:Universidade Aberta, p.241

Representação de uma sílaba no modelo Ataque-Rima.



2.6.2. Descrição dos constituintes silábicos em Português.

Nesta secção da dissertação descrevem-se os constituintes da sílaba em português. Esta descrição afigura-se-nos relevante tendo em conta que se procederá, nas subsecções subsequentes, à análise contrastiva das estruturas silábicas das línguas bantu e do português. O entendimento de como se constituem *o Ataque, a Rima e a Coda* em Português, vai, no nosso entender, ajudar a perceber os diferentes fenómenos que ocorrem nos mesmos constituintes em Copi, dado que nesta língua já não se pode falar da coda preenchida por consoantes, regra geral, contudo por uma vogal, a vogal final, na terminologia da linguística bantu. Veja-se, a seguir, a descrição de cada constituinte em PE nas páginas que se seguem.

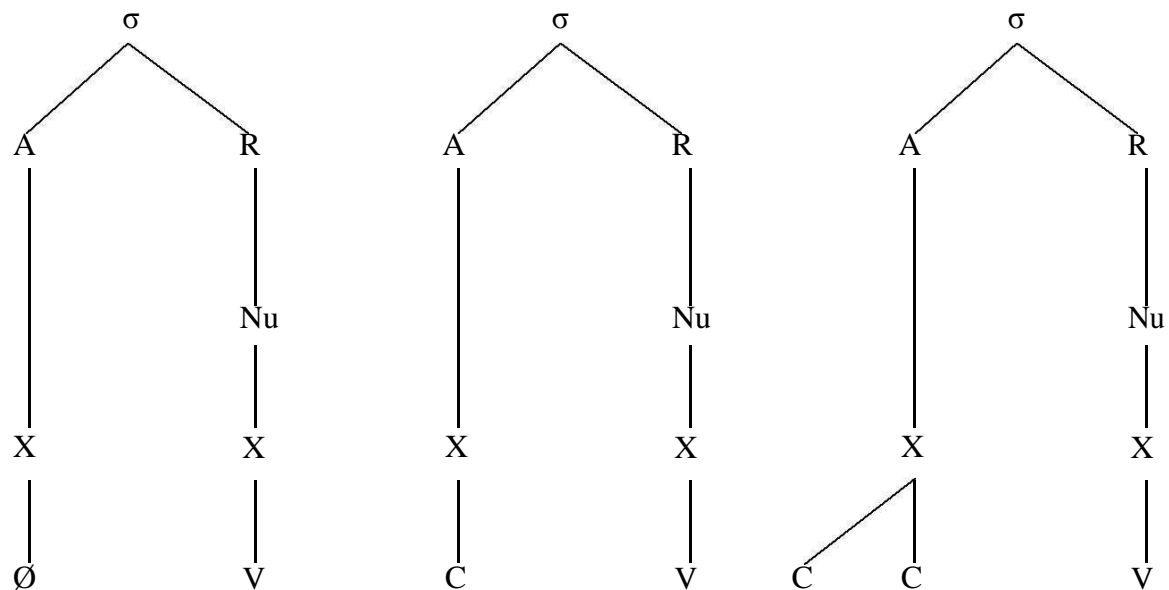
2.6.2.1. Ataque

O Ataque pode dominar uma consoante, duas consoantes ou pode ainda não estar segmentalmente preenchido.

Assim, o ataque pode ser de três tipos: (i) *Ataque vazio*: não é segmentalmente preenchido (ii) *Ataque simples*: é preenchido por uma consoante, (iii) *Ataque ramificado/complexo*: é preenchido por mais do que uma consoante.

No parágrafo que se segue, veja-se a representação em árvore dos constituintes silábicos a que acabámos de nos referir.

2.6.2.2. Representação em árvore



Os Ataques simples são preenchidos por qualquer consoante fonológica do português, como mostram os trabalhos de Mateus (1997), Cagilari (1997), Duarte (2001), Mateus (2001), e Vigário & Falé (1994).

Depois de tratarmos do ataque, o constituinte silábico que será mais abordado ao longo deste trabalho em virtude da sua complexidade na separação dos seus componentes por parte de falante do português em Moçambique, na subsecção que se segue falaremos de um outro constituinte, a rima.

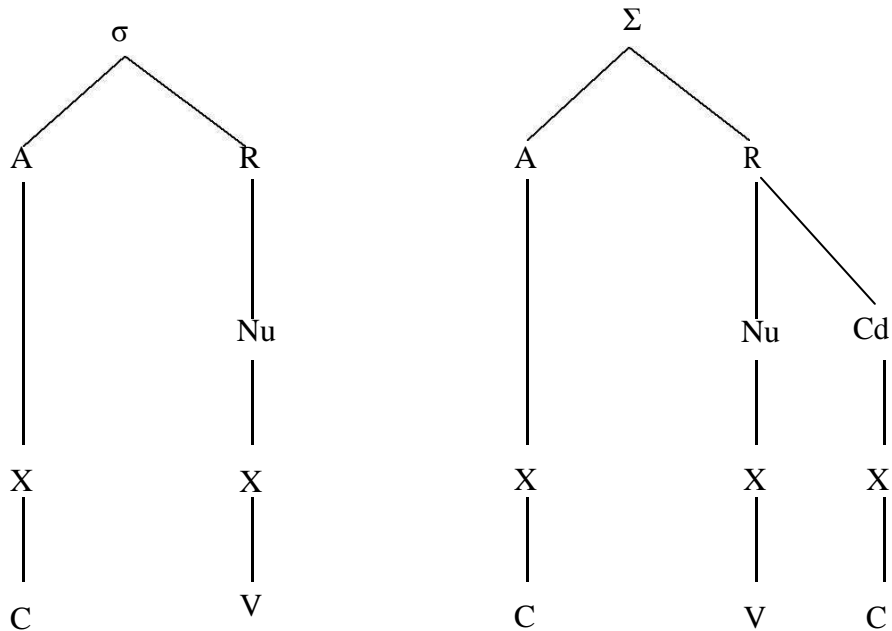
2.6.2.2. Rima

A Rima é o único constituinte não terminal, que domina os constituintes terminais: Núcleo e Coda.

A Rima pode ser de dois tipos:

- i. **Rima não ramificada:** é constituída apenas pelo núcleo.
- ii. **Rima ramificada:** é constituída por um núcleo seguida de uma consoante em Coda.

Representação em árvore

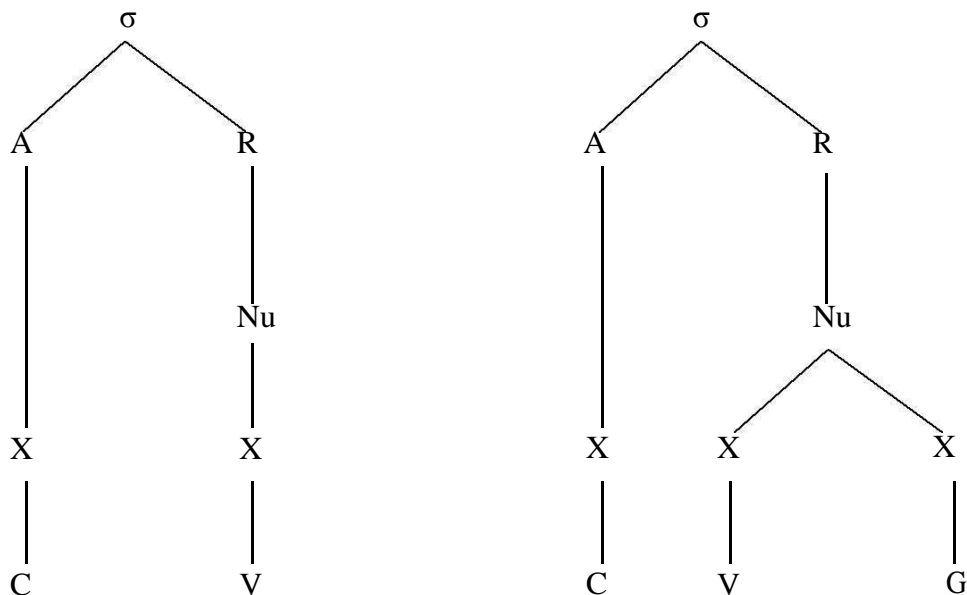


2.6.2.3. Núcleo

A presença do Núcleo implica a presença da Rima, ou seja, a presença de um Núcleo é responsável pela presença de uma sílaba. O Núcleo pode ser de dois tipos:

- i. **Núcleo não ramificado**: é preenchido por uma vogal.
- ii. **Núcleo ramificado**: é preenchido por uma vogal e por uma semivogal.

Representação em árvore



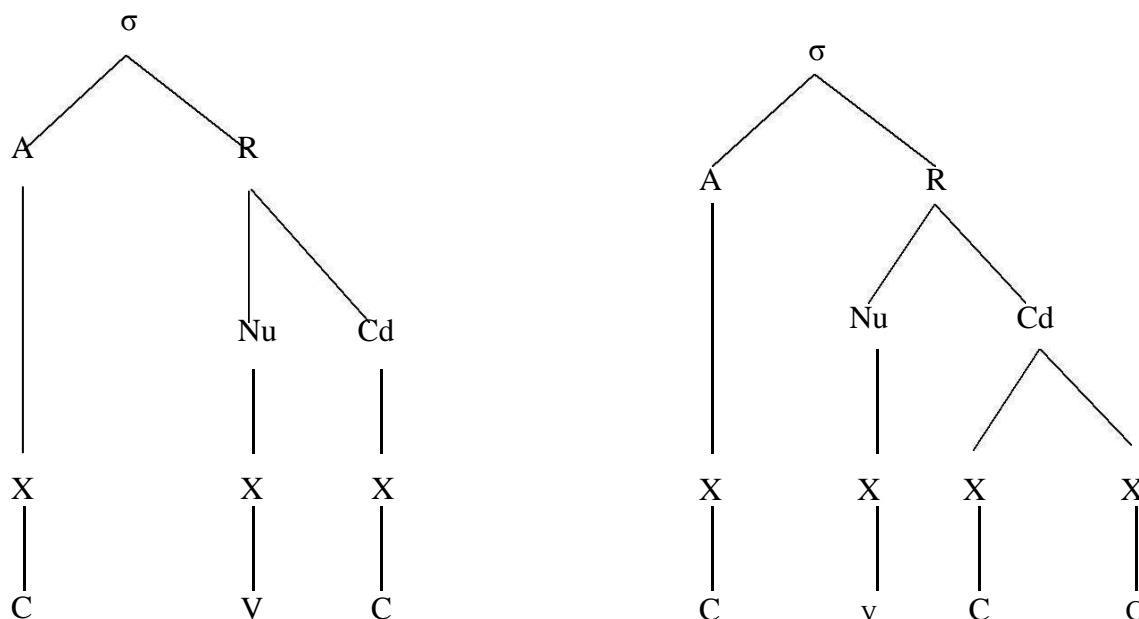
O tratamento que este constituinte silábico recebe nos falante do PM é também deficitário sobretudo quando se encontra ramificado, como acabámos de apontar. Nas redacções dos nossos alunos, sempre que ocorrer a ramificação deste elemento da silábico, os mesmos enfrentam dificuldade sobretudo no caso de alguns ditongos decrescentes, como veremos na análise de dados a partir de alguns extractos de textos recolhidos.

2.6.2.4. CodaA

Coda domina as consoantes que ocorrem à direita do núcleo. Ela pode ser de dois tipos:

(i) *Coda não ramificada*: é preenchida por uma consoante. (ii) *Coda ramificada*: é preenchida por mais do que uma consoante.

Representação em árvore



2.6.2.4. Estrutura Silábica Predominante no PE

Estudos estatísticos sobre a estrutura da sílaba no PE realizados por Vigário e Falé (1986) e d'Andrade & Viana (1993) permitem-nos concluir que a estrutura consoante seguida por uma vogal (CV) é a mais frequente tanto em palavras monossilábicas quanto nas polissilábicas. De acordo com os mesmos autores, as percentagens confirmam a tendência de o Português Europeu apresentar sílabas abertas largamente confirmadas por vários autores que se tem dedicado às pesquisas sobre a estrutura da sílaba nesta língua.

Corroborando esta ideia, Oliveira (2007), citando Vigário e Falé (1993), mostra que existem **dez** tipos silábicos que, claramente, predominam nas palavras polissilábicas, sendo que 52,8% desse grupo de sílabas são do tipo CV. A visão de Oliveira (*op.cit*) é comungada por Viana *et al* (1993) ao classificar o português como “a CV language”.

Tendo como orientação estas abordagens, os textos que formam o nosso *corpus* foram analisados, a informação do tipo silábico foi extraída e os valores de percentagem não apresentaram discrepância relativamente às estatísticas expostas pelos trabalhos referidos.

Desta primeira análise mais global da informação extraída podemos, pelo explicitado acima, constatar que existem, no conjunto de dez tipos silábicos, os mais frequentes em PE,

nomeadamente: CV,CVC, V, CCV, CVG, CGV, VC que têm uma duração variável, como iremos verificar na análise de dados desta dissertação.

Como se pode ver, nesta secção acabámos de arrolar alguns conceitos sobre a sílaba, apresentar o modelo silábico do PE, as estruturas que nele ocorrem em geral e a mais predominante, em particular. E, finalmente apresentámos os constituintes silábicos em PE. Todos os aspectos descritos anteriormente têm a ver com o Português Europeu, tentando obedecer ao nosso tema “*Análise comparativa da sílaba em PE e nas línguas bantu*”. Ou seja, neste trabalho, os assuntos sempre serão apresentados do modo que a seguir se apresenta: 1.º, a Língua Portuguesa e, 2.º, as Línguas Bantu (Copi). Pelo que, na secção que se segue discute-se a sílaba nas línguas bantu em geral e em Copi, em particular. Esta revisão começa pela apresentação de um pequeno aglomerado de trabalhos feitos tanto no domínio da ortografia quanto no da sílaba em certas línguas moçambicanas.

2.6.2.5. A sílaba em Línguas Bantu

2.6.2.6. Estudos sobre a Sílaba em Línguas Bantu

Ngunga (2004) na sua obra *Introdução à Linguística bantu*, discute, entre outros temas, princípios de organização da sílaba nas línguas bantu, em geral, e em Ciyao, em particular. Na sua abordagem, este estudioso, defende que nas línguas bantu podemos encontrar as sílabas abertas e fechadas. Ademais, neste grupo de línguas também se pode falar de sílabas breves (monomóricas) e longas (bimóricas).

No seu trabalho, Marcelino Liphola (2008), desenvolve uma pesquisa propondo um encontro entre a escrita e a fala, ou seja, o tom na escrita em Shimakonde. O estudo procura cumprir um objectivo fundamental: mostrar a pertinência da inclusão do tom na escrita dado que os utilizadores daquela língua, nos diferentes domínios, têm, em diferentes momentos, sentido que o tom deve ser incluso naquela língua.

Outro autor que se tem dedicado ao estudo da ortografia das línguas bantu de Moçambique é Bento Siteo (2006). Na obra “*Dicionário Changana-Português*”, o autor apresenta alguns critérios de segmentação de palavras em línguas bantu do grupo S. Entre os seus trabalhos, conta-se a obra que apresenta os resultados do estudo de *Introdução de melhorias na ortografia da língua Tsonga em 1996*.

O *Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas de Sitoe e Ngunga (2000)* discute os critérios da selecção da variante de referência em cada grupo de línguas bantu de Moçambique, propõe, tanto o número de segmentos (consoantes e vogais) que devem ser usados em cada língua, quanto as estratégias de segmentação de palavras, ou seja, escrita conjuntiva e escrita disjuntiva.

De acordo com Móren (1999), tradicionalmente, as sílabas têm sido separadas em duas classes – pesada e leve. Este autor, diz que esta dicotomia tem sido justificada pela forma que estes dois tipos de sílabas apresentam no que respeita à variedade de fenómenos fonológicos e morfológicos.

Gordon (1999) refere que Jakobson (1931) e Allen (1973) observaram que muitas línguas dispõem de um fenómeno fonológico que trata de certos tipos de sílabas como sendo mais pesadas que as outras, com influências da marcação do acento, marcação do tom, marcação do peso, este último que pode ser representado por duas formas: i) modelo de posições no esqueleto (McCarthy 1979; Clements and Kayser 1983; Levin 1985), e ii) modelo mórico (Hyman 1985; Hayes 1989).

Estas duas teorias concordam em referir que o critério do peso pode variar de língua para língua, mas são uniformes para processos diferentes na mesma língua (Hyman 1985; Hayes 1989; MacCarthy e Prince 1986, 1995; Zec 1988).

Breselow (1997) argumenta que em algumas línguas, o peso da sílaba depende exclusivamente da duração da vogal e em outras, a consoante em posição de coda acrescenta o peso para as sílabas, para além de referir que o peso da sílaba é reflectido na estrutura mórica.

Móren (op. cit.) refere que na teoria mórica, as sílabas leves são tidas como tendo uma simples mora (unidade de peso) e as sílabas pesadas são ditas como tendo duas. Este posicionamento é também assumido por McCarthy e Prince (1986) que mostram que sílabas leves e abertas possuem uma mora simples, mas as sílabas pesadas possuem duas moras.

Ngunga (2002:47) sustenta que:

“A sílaba é um elemento importante na referência ortográfica. Nela distinguem-se duas partes, o núcleo (geralmente uma vogal) que pode ser ou não precedida de uma margem, consoante simples (C) ou modificada: pré-nasalizada (mC ou nC), seguida de uma semi-vogal

(Cw ou Cy), ou ainda pré-nasalizada seguida de uma aproximante semi-vogal...”

De acordo com Ngunga (2004:82) citando Wieseemann *at, al.* (1983) sílaba pode ser definida como “unidade de som situada ao nível imediatamente superior ao do fonema”.

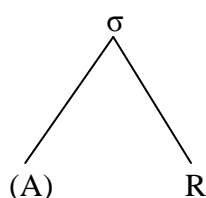
Com base em dados da língua Yao, Ngunga (2002, 2004) refere que, geralmente, o núcleo é uma vogal breve ou longa, salvo nos casos em que a sílaba é constituída de nasal silábica.

Segundo Mateus e Rodrigues (1991) (s/d) “a sílaba que ocorre com mais frequência nas línguas do mundo é a sílaba aberta, CV, por essa razão denominada ‘sílabas canónicas’, que possui uma consoante em ataque e uma vogal como núcleo da rima”.

Mateus et al. (2003:1038), diz que “a sílaba é uma construção perceptual criada no espírito do ouvinte, com propriedades específicas que não decorrem da simples segmentação fonética das sequências de segmento.”

Segundo Hyman (1975) citado por Ngunga (2004:84) a sílaba é constituída por três partes fonéticas, ataque (margem pré-nuclear), núcleo e coda (margem pós-nuclear), embora para fins fonológicos o autor refira que apenas uma divisão binária entre ataque e rima é necessária, sendo esta última a estrutura básica da sílaba nas línguas bantu, abreviada informalmente por CV(V). Ainda nesta senda, refere-se que as sílabas podem ser monomóricas (leves) ou bimóricas (pesadas), para além de poderem ser abertas (CV) ou fechadas (CVC).

Figura 3. Estrutura da sílaba em Ngunga (2004)¹⁵



Onde: σ = sílaba

(A) = ataque

(R) = rima

¹⁵ Esta estrutura da sílaba em Bantu é a que vamos adotar para representar algumas árvores silábicas em Copi visto que espelha a realidade de todas as línguas bantu inclusive o Copi. Outra razão para a escolha desta estrutura prende-se com o facto de ela apresentar como opcional o constituinte silábico Coda pois ele não ocorre nesta língua, ou seja, em Copi não temos sílabas fechadas, daí o carácter opcional deste constituinte.

- (4) Yao: a.-**peta** ‘ornamentar’
 b.-**peeta** ‘peneirar’
 Makh: a. -**mala** ‘acabar’
 b. **maala** ‘calar’

Os exemplos supra, em (a) representam aquilo que é a **estrutura da sílaba nas línguas bantu** em geral e em especial para as duas línguas representadas. Da mesma forma, os exemplos em (a) com negrito representam o que em (3) chamamos de vogal breve, leve ou monomórica dependendo da bibliografia usada, por um lado. Por outro, os exemplos em (b) com negrito também estão representados na estrutura da sílaba apresentada e correspondem às sílabas pesadas, longas ou bimóricas.

2.6.2.7. Glide

Mateus *et al* (2003:993), sobre a glide, diz que:

“No nível fonético do português encontram-se também duas glides, ou semivogais (representadas por [j] e [w]) e que constituem com as vogais que as antecedem ditongos decrescentes. Estas unidades fonéticas têm características idênticas às vogais [i] e [u], mas distinguem-se delas por terem uma pronúncia mais breve, não serem acentuáveis nem poderem construir núcleo de sílaba.”

Crystal (1985:126), diz que glide, é “termo inglês usado em Fonética para indicar um som de transposição quando os órgãos da fala se movimentam em direcção a uma articulação ou se afastam dela, e que por não serem consoantes nem vogais, as glides costumam ser denominadas semiconsoantes ou semivogais.”

Estes dois autores convergem ao referir que as semivogais não são nem vogais, nem consoantes, razão pela qual não podem constituir núcleo de uma sílaba. De acordo com a explicação acima, as semivogais não podem constituir núcleo. Isto também de igual forma nas línguas bantu.

2.6.2.8 Hiato

De acordo com o *Dicionário Universal Mais Gramática* (2002:386), hiato é o encontro de duas vogais sonoras, uma no fim de uma palavra, e a outra no princípio da palavra seguinte.

Segundo DuBois (op. cit.), hiato “é um grupo de vogais contíguas que pertencem a sílabas diferentes”. As línguas revelam a tendência de evitar o hiato por diversos processos, como:

- (5) Português a) crase (lat. *Dolorem*) > Português: door > dor),
 b) epêntese (seo) > Português: - > seio) (Dubois, 1972)

Nos exemplos acima, observamos que existem dois tipos de resolução de hiatos em Português, onde a palavra *dolorem* do Latim, evoluiu para *door* em Português, com a consequente resolução do hiato através da elisão de uma das vogais (5a). Em (b), ocorre uma epêntese que consiste na inserção da semivogal [y], correspondente à grafia <i> para resolver o hiato (*eo*), resultando na palavra *seio* em Português.

Com estes conceitos, é necessário perceber que o hiato ocorre em casos que se tem uma sequência indesejável de vogais, isto é, elas estão necessariamente adjacentes. Se isto acontecer, as línguas encontram argumentos fonológicos para resolver os mesmos.

CAPÍTULO III: Análise Comparativa da Sílabas em Português Europeu e nas línguas bantu (Cicopi)

3.1. Introdução

O objectivo que preside ao nosso estudo é realizar uma análise e descrição contrastiva das estratégias de divisão gráfica das palavras (translineação) e dos tipos de sílabas que ocorrem no PE e nas LB (Copi), na tentativa de promover um ensino reflexivo da ortografia nas duas línguas.

Desta forma, para efectivação do nosso objectivo, procedemos à recolha de um *corpus* que desse conta dos mais diversificados mecanismos de translineação de palavras e tipos silábicos da nossa língua (Copi), bem como dos que se verificam no PE.

Da nossa recolha, leitura e análise dos textos escritos, constatou-se que as sílabas mais frequentes no PE são as do tipo CV. Desta feita, segundo Oliveira (2007: 39) citando Vigário e Falé (1993), existem dez tipos silábicos que predominam nas palavras polissilábicas, sendo que 52,8% desse grupo de sílabas são do tipo CV.

Esta tese fora defendida tanto por Viana *et al* (1993), ao classificar o português como “a CV *language*”, quanto por Faria *et al* (1996) e, mais recentemente, por Duarte (2000) e Mateus (2001). Na perspectiva de Mateus (*op.cit.* p.10) as sílabas mais frequentes nas línguas do mundo são constituídas por uma consoante e uma vogal (CV) e são também as mais frequentes em Português.

A estrutura básica da sílaba nas línguas bantu é abreviada informalmente por CV(V). Esta estrutura é a que se observa de modo regular também em Copi.

Para melhor explicar os factores subjacentes aos problemas de divisão silábica e translineação de palavras, começemos por passar em revista alguns princípios que regulam o processo da ortografia do Português Europeu e da maior parte das línguas bantu em Moçambique, em geral, e Copi, em particular.

3.1.1 Princípios Particulares da Ortografia da Língua Portuguesa

Antes de arrolarmos alguns princípios da ortografia do Português, afigura-se-nos relevante visitar o quadro do alfabeto da mesma língua. A lista de grafemas que se segue é comungada por alguns estudiosos da LP como Cunha e Cintra (2002) e Morais e Silva (2010).

Alfabeto do Português

De acordo com Cunha e Cintra (2002:62) o alfabeto da língua portuguesa consta, fundamentalmente, das seguintes letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, e z. Além destas, há letras k, w, e y, que hoje só se empregam em dois casos, nomeadamente na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de sons derivados portugueses. Esta ideia também é compartilhada por Bechara (1999) *apud* Da Silva (2005:38). O autor refere ainda que os fonemas não são letras, desde logo uma distinção se impõe: não se há-de confundir fonema com letra.

Vogais do Português

Questionado sobre a quantidade das vogais em PE, qualquer sujeito alfabetizado dirá que o Português possui 5 vogais <a>, <e>, <i>, <o>, e <u>. No entanto, como se sabe, o Português possui 9 orais e 5 nasais (Duarte, 2000.p. 379). A ideia segundo a qual a LP ostenta 9 vogais também é corroborada por Mateus (2001:8), dado que, contrastando o Português com o

francês e o espanhol, a autora mostra que enquanto o francês apresenta 10 esta língua tem 5 vogais orais, respectivamente o Português inclui, na sua lista de sons vocálicos, 9 vogais.

Em Português também existem vogais nasais que constituem um aspecto caracterizador da língua, visto que grande parte das línguas do mundo não possuem este tipo de vogais. Veja-se as vogais nasais: [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [ũ].

Como fizemos referência no parágrafo anterior, aquando da apresentação das letras do PE, além das vogais e consoantes, em português também existem **glides** ou **semivogais**. Estes materiais linguísticos, foneticamente, encontram-se próximos das vogais, porém fonologicamente distinguem-se por nunca poderem receber acento tónico e por ocorrerem sempre junto de uma vogal formando com ela um **ditongo**. As duas glides do português, /j/ e /w/, têm valor fonológico visto que se podem opor entre si em pares de palavras. Como se pode depreender, o conceito de fonema surge ligado à comparação de pares de palavras que apresentam a mesma sequência de segmentos, todavia havendo alguns sons que as distinguem pela presença de qualquer traço das classes naturais.

Resumindo, em Português Europeu existem: 14 sons vocálicos: [a] [ɐ] [ẽ] [ɛ] [i] [e] [ẽ̃] [ĩ] [ĩ̃] [ɔ] [o] [õ] [u] [ũ]; 19 sons consonânticos: [p] [b] [t] [d] [k] [g] [f] [v] [s] [z] [ʃ] [ʒ] [m] [n] [ɲ] [l] [ʎ] [r] [R] e 2 glides: [j] [w] (Cf. Morais 2011)¹⁶.

Princípios da Ortografia da Língua Portuguesa

Segundo Duarte (*op.cit*: p. 394) o ensino ortográfico da língua portuguesa reduz-se, portanto, na prática, ao ensino de:

- a) leis de acentuação nos vocábulos simples e compostos;
- b) valor histórico dos fonemas ainda proferidos e dos que já não se proferem; influência destes na modulação da vogal precedente;
- c) conhecimento dos ditongos e sua dissolução;
- d) silabificação;
- e) homónimos e parónimos;
- f) função dos sufixos

¹⁶Morais, C. (2011). A cábula do acordo ortográfico. (Comunicação apresentada nas jornadas científicas da Universidade Pedagógica Sagrada Família)

g) composição dos vocábulos e formação da perífrase nos verbos e usos da enclítica.

O domínio da ortografia do PE passa, necessariamente, pela actualização dos princípios acima expostos. Porém, neste trabalho analisa-se a ortografia dos informantes tendo em conta o princípio apresentado na alínea d (silabificação).

3.2. Princípios básicos para escrita das línguas Bantu de Moçambique

Os princípios que abaixo se seguem são importantes, na medida em que ajudam o falante que deseja iniciar a escrita nas línguas bantu de Moçambique a grafar o que se fala, obedecendo aos critérios de economia, simplicidade e abstracção. Portanto, cada ponto mencionado deve ser tomado em consideração na escrita de qualquer língua bantu de Moçambique.

Cada língua bantu de Moçambique possui uma lista de grafemas do alfabeto, sendo os mais comuns, 5 vogais breves para todas as línguas (a, e, o, i, u), 5 vogais longas só para as línguas Ciyao e Emakhuwa (aa, ee, oo, ii, uu) e 19 consoantes comuns (b; c; d; f; g; j; l; m; n; ny; p; r; s; t; v; y; w; z).

Cada língua bantu de Moçambique deve ser escrita de acordo com os grafemas alfabéticos definidos. As palavras são formadas por sílabas. Neste grupo de línguas, há quatro tipos de sílabas, a saber: **CV** (consoante vogal. Ex 1); **V** (vogal no início da palavra. Ex 3); **C** (nasal silábica no início e raramente no meio da palavra. Ex 4) e **CVV** (alongamento vocálico no Ciyao e no Emakhuwa. Ex 2 e 3)

Exemplos:	1. Sílabas CV	ku -dya ‘comer’	(Copi)
	2. Sílabas CVV	o- maa -la ‘calar-se’	(Emakhua)
	3. Sílabas V	i -ne; ‘ <u>eu</u> ’	(Ciyao)
	4. Sílabas C	m ’-pa-wu ‘mandioca’	(Copi)
		n ’-di-wu ‘comida’	(Copi)

3.3. Estratégias de divisão silábica nas línguas bantu (Copi)

A regra de divisão silábica deve começar do fim da palavra para o seu início, isto é, da direita para esquerda, associando uma vogal e uma consoante (cv(v)). Por exemplo: citulo (*ci-tu-lu*). kudya *ku-dya*. mhaka *mha-ka*.

Fazem parte da sílaba, todas as modificações de consoantes, por exemplo: **a pré-nasalização** (nasais [m], [n] antes de uma consoante. ex: *ngo-ma*, *m’ba-ba*); **a aspiração** ([h] depois de

uma consoante. ex: ku-**tho**-la; a labialização([w] depois de uma consoante. ex: ku-**pwata**; mwa-na-na) e a **palatalização** ([y] depois de uma consoante. ex: *cyala*, *ci-phy*a).

De acordo com o número de **sílabas**, as palavras podem ser polissilábicas (palavras com mais de duas sílabas. Ex: *ci-ta-ra-tu*); algumas são dissilábicas (palavras com duas sílabas. Ex: *a-ni*; *khu-khu*, etc) e muito poucas são monossilábicas (palavras com uma única sílaba. Ex: *ta*; *wa*; *ya*; *ni*; *i*)

Ao grafar, as palavras não devem apresentar uma sequência de duas ou mais vogais diferentes, de acordo com as regras de resolução de hiatos¹⁷ aplicadas neste grupo de línguas. Por exemplo: **mu**anana (escrita incorrecta); *mwanana* (escrita correcta). *cia*la (escrita incorrecta); **cy**ala (escrita correcta).

Todas as palavras escritas devem possuir significado como unidades na frase ou unidades soltas. Por exemplo: *mwanana wakwena* ‘criança gorda’ e **mwana wa kwena* (frase agramatical). A agramaticalidade da frase é provocada pela má segmentação da expressão sublinhada que foi grafada disjuntivamente no lugar de ser conjutivamente, como recomenda a regra. Neste último exemplo, apenas a palavra ***mwana*** significa ‘criança’ enquanto a palavra *kwena* não tem significado nesta língua porque está separado da sílaba ***wa***; *cathu* ‘nosso’ é diferente da *ca thu** pois esta última perde o significado porque está separada da sílaba ***ca***.

No acto da escrita deve-se escrever o que se fala e o que se ouve. Se numa palavra se produz [u] nunca se deve substituir por [o]. Se se diz [i] deve-se escrever [i].

O tom é produtivo nas línguas bantu de Moçambique, mas é apenas, obrigatoriamente, marcado na língua Ciyao (tom alto por ser menos frequente).

Na escrita das línguas Emakhuwa e Ciyao é importante mostrar o alongamento vocálico.

Escrevem-se com letras iniciais maiúsculas todos os nomes de pessoas; terras; instituições públicas e privadas; títulos honoríficos (ex: Chefe Fulano; Régulo/Rei Beltrano; Director Beltrano, entre outros); no início de um parágrafo ou de um período.

¹⁷Os hiatos são sequências indesejáveis de vogais em muitas línguas do mundo, sobretudo nas línguas bantu. Por serem indesejáveis, eles são resolvidos com recurso a diferentes estratégias, nomeadamente: a semivocalização, a inserção, a elisão e a fusão.

O apóstrofe é usado para marcar as **nasais silábicas** nas línguas como: cicopi; cinyanja; cisená; cindawu; emakhuwa; ciyao entre outras (ex: *m'pfukwa*; *n'ndoni*), **nasal velar** (*ng'ombe*) nas línguas cisená; cinyungwe; shimakonde; ciyao, etc. Como se poderá ver no quadro número 2 da página seguinte.

A mesma nasal velar é marcada com apóstrofe antes da [n] nas línguas xichangana, cindawu, citshwa e xirhonga (ex: *n'anga*; *n'wana*) e marcada pelo **til** (~) sobre [n] na língua Cicopi, a variante de referência do Copi (S61).

Os sons implosivos [b] e [d] são também marcados com apóstrofe (ex: d'in'wa; b'ava) nas línguas xichangana e xirhonga.

Os sinais de pontuação tais como: (.) ponto final; (!) ponto de exclamação; (?) ponto de interrogação; (:) dois pontos; (;) ponto e vírgula; (,) vírgula; (...) reticências; (“ ”) aspas; (–) travessão; () parênteses curvos e [] parênteses rectos são usados de igual forma da língua portuguesa.

Quadro 2. Grafemas do alfabeto de algumas línguas bantu de Moçambique

Xirhonga	Citshwa	Xichangana	Cimanyika	Ciwute	Cisena	Cindawu	Cinyungwe	Ciyao	Cinyanja	Lomwe	Echuwabu	Shimakonde	Cicopi	Gitonga	Kimwani	Cibarwe
a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a
b	b	b	bh	bh	bh	bh	bh	b	bh	-	b	b	bh	bh	b	bh
b'	b	b'	b	b	b	b	b	-	b	-	-	-	b	b	-	b
c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	-	c	-	c	c
d	dh	d	dh	dh	dh	dh	dh	d	dh	-	d	d	dh	dh	d	dh
d'	d	d'	d	d	d	d	d	-	d	-	d	-	d	d	-	d
e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e

f	f	f	f	f	f	f	f	-	f	f	f	-	f	f	f	f
g	g	g	g	g	g	g	g	g	g	-	g	g	g	g	g	g
h	h	h	h	h	h	h	h	-	h	h	h	h	h	h	h	h
i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i
j	j	j	j	j	j	j	j	j	j	kh	kh	j	j	-	j	j
k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k	k
l	l	l	-	hw	l	jh	l	l	l	l	l	l	l	l	l	l
m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m
n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n
o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p
q	q	q	q	-	-	q	-	-	-	-	lr	-	ph	-	-	-
r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r
s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s
t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t
u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u	u
v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v	v
w	w	w	w	w	w	w	w	w	w	w	-	w	w	w	w	w
x	x	x	-	-	x	-	x	-	-	-	-	-	x	-	-	x
y	y	y	y	y	y	y	y	y	y	y	y	-	y	y	y	y
z	z	z	z	nv	z	z	z	-	z	-	z	-	z	-	z	z

bv	bv	bv	bv	bv	bv	bv	bv	-	bv	-	-	-	-	bv	-	bv
bz	bz	bz	-	-	bz	-	bz	-	bz	-	-	-	bz	-	-	bz
dl	dl	dl	-	-	dj	dl	-	-	-	-	-	-	-	-	-	dy
dz	dz	dz	dz	dz	dz	dz	dz	-	dz	-	-	=	dz	dz	-	dz
dr	-	-	dzv	dzv	-	dzv	-	-	-	-	-	-	-	dr	-	kh
gq	gq	gq	mh	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	gy	-	-
hl	hl	hl	nh	nh	-	hl	-	-	-	-	-	-	-	hw	-	-
lh	lh	lh	mh	mh	-	-	-	-	-	-	-	-	-	mb	-	-
n'	n'	n'	n'	n'	ng'	n'	ng'	ng'	ng'	ng	ng'	ng'	n'	n'	ng'	ng'
n'q	n'q	n'q	-	-	-	-	-	-	-	th	th	-	h	-	-	-
ny	ny	ny	ny	ny	ny	ny	-	-	ny	ny	ny	ny	ny	ny	-	ny
pf	pf	pf	pf	pf	pf	pf	pf	-	pf	tt	tt	-	pf	pf	-	pf
ps	ps	ps	-	-	ps	-	ps	-	ps	ph	-	-	ps	-	-	ps
sv	sv	sv	sv	sv	-	sv	sv	-	-	tth	tth	-	sw	-	-	sv
tl	tl	tl	sh	sh	-	sh	-	-	sh	sh	-	sh	-	-	sh	-
tr	-	-	-	tsv	-	tsv	-	-	-	-	-	-	-	nv	-	-
ts	ts	ts	ts	ts	ts	ts	ts	-	ts	-	-	-	ts	ts	-	ts
vh	vh	vh	vh	vh	-	vh	-	-	-	-	-	-	vh	vh	-	vh
zv	zv	zv	zv	zv	-	zv	zv	-	-	-	-	-	zw	vb	-	zv
	xj	xj	zh	zh	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	xj

Fonte: O autor e os formandos (2008)¹⁸

Feita a abordagem sobre a ortografia de algumas línguas bantu de Moçambique, na secção silábicos que predominam são os seguintes: C, CV e CV(V), podendo admitir a ocorrência de outras estruturas mais extensas resultantes da aplicação de mecanismos derivacionais, como é o caso das extensões verbais. O primeiro tipo é frequente em palavras cujo radical é do mesmo tipo, ou seja, -C- vulgarmente conhecido por radical assilábico, podendo ser encontrado também nas nasais silábicas como em: **m**'pawu 'mandioca' e **n**'gola 'pegar'.

3.4. A característica -CV- do radical verbal não extenso nas línguas bantu

Na esteira de Ngunga (2004:152) “radical de uma palavra é o núcleo desprovido de afixos flexionais”. Este autor acrescenta que os radicais verbais podem ser derivados e não derivados. Um dos critérios subsidiários na caracterização das línguas bantu é que estas tenham radicais invariáveis com “uma estrutura básica do tipo -CVC-” (Ngunga 2004:51), onde C pode ser uma consoante pré-nasalizada ou uma posição vazia (Schadeberg 2003). Por vezes, pode não ocorrer o V, sobretudo em radicais não derivados.

Baseando-nos em Mabuza & Ziervogel (1985) e Ngunga (2004), podemos encontrar no *Cicopi* as seguintes formas de radical:

3.4.1. Raízes verbais do tipo -C-; -V-

- i/-y- 'ir'
- d- 'comer'
- w- 'cair'
- f- 'morrer'

3.4.2. Raízes verbais do tipo -CV-; -C(V)-;

- lw- 'lutar'
- pf- 'sentir'
- gw- 'retirar'

3.4.3. Raízes verbais do -CVC-

- cel- 'cavar'

¹⁸ O quadro de grafemas foi primeiramente elaborado pelo autor do trabalho em conjunto com os formandos do IFP de Maputo durante a realização do estágio pedagógico na disciplina de Línguas Bantu e Metodologias de Educação Bilingue. Numa fase posterior, os conteúdos do mesmo foram apresentados e discutidos no III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas em 2008.

-pek- ‘bater’

-kwel- ‘subir’

-tshum- ‘voltar para casa’

3.4.4. Raízes verbais do tipo -CVCVC-

-tutum- ‘correr’

-munyung- ‘dissolver algo na boca’

-horol ‘girar’

3.4.5. Raízes verbais do tipo -CVCVCVC-

-yamukel- ‘receber’

-hefemul- ‘respirar’

Os exemplos em (1-5) representam os tipos de radicais verbais existentes em Cicopi. Tal como podemos observar, os radicais desta língua possuem as seguintes estruturas: (1): -V- / -Y-, (2): -CV-/-CG-, (3): -CVC-, (4): -CVCVC- e (5): -CVCVCVC-.

A característica -CVC- referenciada por Ngunga (*op. cit*), parece não ser observada em (4 e 5), mas isso pode ser explicado como sendo resultado de um processo derivacional, que consiste no facto de (i) uma ou mais extensões poderem ser sufixadas ao radical, (ii) a inicial CV- poder ser reduplicada, e (iii) o verbo ser derivado de uma raiz nominal, uma vez que os verbos em bantu têm uma estrutura morfológica e fonológica muito regular em que quase todos os verbos longos que a estrutura -CVC- são derivados (Laisse 2012, citando Schadeberg, 2003).

Esta estrutura (Consoante - Vogal) é conservada mesmo na integração de novos morfemas na base, atendendo ao carácter aglutinante das línguas bantu (Canonici 1991), e em particular do *Cicopi*, sendo que é nesta ordem de aglutinação de morfemas que tem lugar a ocorrência de hiatos que raras vezes são resolvidos pelos utentes desta língua na sua escrita diária.

3.5. Conteúdo do Corpus

O *corpus* seleccionado para este estudo é constituído por quarenta e cinco (45) textos escritos. Os mesmos são da autoria de alunos dos últimos níveis de escolaridade, nomeadamente: 10^a classe e 10^a+3 anos, com uma extensão média de cinco (5) parágrafos. Dos 45 textos, 31 pertencem aos alunos que se encontram no ensino monolingue nas escolas secundárias de Quissico e 25 de Setembro de Homoine. O resto de textos pertence aos alunos bilingues que frequentam o curso de formação de professores no qual já aprenderam algo em ou sobre línguas bantu. Diríamos que, em outras palavras, a pesquisa compreende dois tipos

de bilingues na designação de Semedo (1997:29)¹⁹, nomeadamente bilingues passivos (**B1**), os que têm o Português como sua língua materna mas conhecem outra língua moçambicana, apesar de não a falarem fluentemente; os bilingues²⁰ activos (**B2**), os que adquiriram a língua portuguesa, muitas vezes em situação formal, depois de uma outra língua moçambicana, continuando a utilizar a L1 tanto na sua compreensão como na sua realização. Em termos de textos escritos em Copi, estivemos mais concentrados nos textos deste último grupo de bilingues, ou seja, o dos que têm Copi como L1, mas no entanto falam e escrevem razoavelmente o Português. O quadro 3 abaixo inclui a lista de palavras onde os nossos informantes revelaram problemas, quer na sua translineação, quer na divisão silábica.

Quadro 3. Lista de palavras sobre as quais ocorreu a má divisão silábica.

Ordem dos textos	Má translineação	Ordem dos textos	Má translineação
01	q- eu	15	aprese- ntam
02	inf- mações	16	malfe-itores
03	invo- lver	17	encont-ramos
04	dire-itos	18	aciss-tência
05	nascim-ento	19	normalme-nte
06	libe-rtador	20	circunsta-nciais
07	defen-dendo	21	igualme-nte
08	encont-ramos	22	apre-nde
09	sozin-ho	23	apre-ndizagem
10	aprofun-damento	24	cap-tar
11	pess-oas	25	conta-ctar
12	com posto ²¹	26	impa-cto
13	a parece	27	cap-tal
13	a apresentação	28	rit-mo
14	tem aver	29	ig-norância
14	pergu-ntas	30	ab-solvidos
14	tem haver	31	defac-to

¹⁹CF. Semedo, B. *A Colocação dos Clíticos no Português em Maputo*. INDE. Maputo.

²⁰Há bilingues simultâneos (com duas línguas maternas, a bantu e a portuguesa) e consecutivos (que têm uma língua bantu como materna, mas que aos 4 ou 5 anos aprenderam a Língua Portuguesa) que apresentam muita variação na competência em Português. As suas competências nas duas línguas podem ser equivalentes ou diferentes (Dias 2008:157).

²¹ As palavras que não apresentam o hífen, foram mal grafadas no meio do texto. As que foram grafadas com hífen, a sua translineação fez-se no fim de cada linha do caderno.

Quadro 4. Perfil dos Informantes seleccionados para a constituição do corpus

Nome	Idade	Sexo	Nível de escolaridade	Escola	Língua Materna	Distrito-natal
HRN	18	M	7a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
AM	23	F	7 ^a	ES.25/9.H	Copi	Zavala
IA	23	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Homoine
VL	18	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Homoine
VJM	18	M	7 ^a	ES.25/09. H	Copi	Homoine
GRM	19	F	7 ^a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
CR	18	F	7 ^a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
CM	21	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Homoine
FG	24	F	10 ^a	IFP-H	Copi	Inharrime
EI	25	M	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Inharrime
AJN	20	M	7 ^a	ES.25/09. H	Cicopi	Zavala
JÁ	22	M	7 ^a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
SF	20	F	10 ^a	IFP-H	Copi	Zavala
LZ	18	F	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Inharrime
EFD	25	M	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Inharrime
FM	23	F	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Homoine
NBM	18	M	7 ^a	ES.25/09. H	Copi	Zavala
GM	18	M	7 ^a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
HGC	19	M	7 ^a	ES.25/09.H	Cicopi	Zavala
IN	18	F	7 ^a	ES.25/09.H	Copi	Zavala
JJ	25	F	10 ^a	IFP-H	Copi	Zavala
RVF	24	F	10 ^a	IFP-H	Copi	Homoine
HB	25	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Homoine
AQB	20	F	7 ^a	ES.25/09. H	Cicopi	Homoine
SLM	22	M	7 ^a	ES.25/09.H	Cicopi	Homoine
CCM	20	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Zavala
FG	23	M	10 ^a	IFP-H	Copi	Zavala
NBM	21	F	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Zavala
TR	22	F	10 ^a	IFP-H	Cicopi	Zavala
MC	25	M	7 ^a	ES.25/09.H	Cicopi	Zavala

Legenda

IFP-H Instituto de Formação de Professores de Homoine

ES.25/09.H Escola Secundária “25 de Setembro” de Homoine.

3.6. Análise Comparativa das Estratégias de Translineação em PE e nas línguas bantu

Nesta parte de trabalho, vamos apresentar algumas transcrições de textos²² da autoria dos nossos informantes. Seguidamente, proceder-se-á à análise dos mesmos à luz das normas ou princípios ortográficos que regem o PE e as LB já arrolados na subsecção anterior deste capítulo. Na subsecção que se segue, vamos também apresentar a transcrição de textos transpostos para o Copi. Em seguida, far-se-á a análise destes de conformidade com os ditames das normas ortográficas das LB aqui representadas por Copi e as suas variantes. Veja-se os seguintes extractos de alguns textos escritos em Copi:

Texto A

Tifanelo ta wathu

votse vathu vani fanelo yo: -yo hanha; -yo ti mahela tave ou kuti thumela ati vati lavaku.

-vani fanelo ya m'kululeko ou vana hanye ka m'khululeko

-vani fanelo yo ti wombela ati vati lavaku hayi ni ku wotse m'kama va tchi dependerwua ku mweko ni ku fumua. Vanga mawe si thume ku fana ni sihari. Vanga mandue ka ati ti si nga ni fanelo. Va ni fanelo ya m'tumu.

Texto B

Tifanelo ta vathu

Tifanelo ta vathu tigondidwe ngu ma Nações Unidas ngu 10 de Dezembro ka 1948 ni txi chunguetano to ninga chotse txizwungo txa ditiko sifanelo simwesso niku thembisa tsi chonipa txa khululeko, kuchuchissa nikurula.

Tifanelo ta vathu tivekedwe ku ti tapata vathu vatsimaneka vatxi choniphana, ku mweko niku fanissa ti nhumbi ni timbe nhane taku yelana niku ndwissana.

²² Em cada texto seleccionámos dois a três parágrafos para serem analisados. A selecção obedeceu ao critério de regularidade ou sistematicidade com que se observa o fenómeno de translineação indiferenciada.

Texto C

Wuwombeli wotse watifanelo ta wutho

Wu wombeli watose wa tifanelo ta wuthu ka dhitiko dhotse da mafu wu wumahekedhe ka ditsiku dha digumi ka n'wendamhala ka 1948. Kha khu bhala ka kona kumanekidhe ku tximaheka ka txigava txa wuwoneli wa matiko otse a mafu txi txidanuako ngu ONU.

Texto D

Tifanelo ta M'thu

Txipandi txo khata. Sotse sivagua sivelua curulani ni cufana kabe si fanela kumana tifanelo to fana. Mdani ka ditzuri ni mapimo vatxi fanekela ku hamaba go ona mwani ni mwani, muiane ka u segueli. Txipandi tx wu bhidi. Sotse sivagua siga wombawomba tifanelu ni mkululeko, awu uga hakwa ka mkwpha wu wa wa tifanelu (...).

Os extractos de textos A, B, C e D acima apresentados são da autoria de informantes que têm a L1, uma língua bantu, isto é, Copi, porém tiveram o seu primeiro contacto formal com a LP na escola, como mostram os inquéritos sociolinguísticos em anexo a este trabalho.

Nos textos acima ocorre a violação de alguns princípios da ortografia da língua Copi. Essa violação manifesta-se do modo seguinte: *a) uso frequente da escrita disjuntiva* que se não recomenda nesta língua; *b) ambiguidade lexical e estrutural* resultante do desuso de alguns grafemas e diacríticos que distinguem os sons implosivos dos explosivos, consoantes aspiradas das não aspiradas; *c) a não observância de regras de resolução de hiatos*. Em palavras onde ocorre a sequência de vogais, a morfologia das LB recomenda que se deve desfazer tal sequência com recurso a um agregado de regras morfofonológicas, nomeadamente: inserção, elisão ou queda de vogais, semivocalização, etc.

Os autores daqueles textos deviam ter usado a escrita conjuntiva, que consiste em aglutinar os vários componentes da forma verbal à volta do radical verbal, pois o verbo nas línguas bantu revela ao mais alto nível, o carácter aglutinador. De acordo com Cole (1955), Doke (1961), Greenberg (1966), Siteo e Ngunga (2002), Ngunga (2004), e recentemente Miti (2006), as línguas Bantu são línguas aglutinantes, daí que as marcas do sujeito, do tempo, do objecto, do aspecto são acoplados ao radical verbal.

A respeito deste assunto, Ngunga e Faquir (2011:218) corroboram a nossa sugestão, pois para estes estudiosos “o princípio do uso da escrita conjuntiva no caso de componentes de uma forma verbal é considerado aceitável, embora se reconheça o surgimento de palavras excessivamente compridas em algumas formas da conjugação verbal.

De acordo com o princípio da escrita conjuntiva, devem escrever-se conjuntivamente os afixos que se ligam aos morfemas lexicais que modificam. Só se escreve disjuntivamente as unidades lexicais de todas as categorias gramaticais, nomeadamente: substantivos, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, pronomes, etc.

A segmentação de palavras, ou seja, o uso da escrita conjuntiva ou disjuntiva nesta língua relaciona-se com a translineação e divisão silábica no PE. É por esta relação de estratégias de grafar palavras que advogámos e continuamos a defender que a translineação indiferenciada de palavras a que se assiste nas redacções dos nossos informantes pode ser justificada pelo facto de se não ter aprimorado, na sua L1, os conhecimentos sobre o tipo de escrita (conjuntiva ou disjuntiva) preconizado em Copi. Esta actividade devia ter acontecido, no nosso entender, nas classes iniciais e, numa fase subsequente, aprimorar-se nos diferentes níveis de ensino (secundário e universitário) concretizando o modelo de ensino bilingue²³, nomeadamente bilinguismo de transição com características de manutenção.

Aliás, esta posição já fora defendida por Katupha (1985) e mais tarde corroborada por Palme (1992), Hyltenstam e Stroud (1993) e Patel (2006) quando sugerem que o uso exclusivo do Português como língua de ensino é um grande entrave para o ensino formal da criança e poderá ser um dos possíveis factores que contribui para o elevado índice de insucesso escolar. Segundo Palme (1992:69) “deve-se insistir que o Português fora dos centros urbanos tem o papel de língua ‘estrangeira’ e que o termo língua segunda é menos adequado”. Com efeito, a maioria dos alunos rurais só conhecem o Português na escola e, muitas vezes, com um professor que mal domina esta língua.

²³Para o programa bilingue em Moçambique, adoptou-se o modelo de transição, em que as línguas locais (línguas maternas dos beneficiários) são usadas como línguas de ensino nos primeiros três anos de escolarização, ao mesmo tempo que são ensinadas como disciplinas curriculares. O Português, introduzido na primeira classe como disciplina, torna-se língua de ensino a partir da quarta, mantendo-se as línguas locais como disciplinas. Na primeira e segunda classes, o objectivo na disciplina de Português é o desenvolvimento da oralidade, sendo a escrita nesta língua introduzida a partir da terceira classe. (Cf. Patel, 2006).

Diferentemente do que acontece com as redacções A, B, C e D pertencentes aos informantes dos textos escritos em português já analisados, as redacções que se seguem foram feitas por alunos pertencentes ao Instituto de Formação de Professores de Homoine que se encontram no 2.º ano de formação de professores. Estes educandos, embora não tivessem beneficiado da educação bilingue nas classes iniciais (1ª a 7ª classe), tiveram as disciplinas de Línguas bantu/moçambicanas e Metodologias de Educação Bilingue, facto que os ajuda a escrever correctamente tanto na sua L1 (Copi) quanto na L2 (Português). Veja-se alguns fragmentos das redacções escritas em Copi.

Texto I

	Tradução
<p>Cikola ca wuwumbi wa vagondisi ca Homoine</p> <p>Wuxololi wamahanyelo</p> <p>Ha ditikoni ka wonekela wuxololi mtini. Wona wubihi wuwa wuwonekela wu cimahwa ngu tinzila tohamabana-hambana wucimahiswa ngu kumbyengisa hambu nicidhelelo kuhanyani.</p> <p>Hicigonda cikola hinakota kuziva tiya to tabiha kumaha wubihi muwa timwayani. Ngutoneto ahiyeni cikolani kasi kuheta wuxololi timwayani</p>	<p>Instituto de Formação de Professores de Homoine</p> <p>A violência doméstica.</p> <p>Em quase todo o mundo assiste-se ao fenómeno da violência doméstica. Este mal é feito de diferentes formas. É um mal provocado pela falta de diálogo, respeito mútuo e abuso entre os cônjuges.</p> <p>Se estudarmos muito poderemos saber distinguir o mal do bem. Não praticaremos a violência contra os familiares à nossa volta. Por isso, vamos todos à escola para pôr fim a violência doméstica.</p>

Texto II

	Tradução
<p>Kugonda</p> <p>Kugonda hinga m'thumu wakukarata ka vathu va vatilavaku kugondela.</p> <p>Kugonda kunilisima ngutu, nguku wagondela kubhala ni kulera, iku mihandzo ya lisima ngutu kuhanyane kamasikwanana. Amuwa ka ditiko da Moçambique votse vathu va nindjombo yo gonda ka ti kalasi tokhata vasidihele cilo.</p> <p>Ka vathu vahombe va nga phindelwa ngu tanga yo gonda idingadi vanana, vatuletwe sikolwa si so vemana kugondela ku bhala nikulera.</p>	<p>Estudar</p> <p>Estudar não é uma actividade difícil para quem deseja aprender mais.</p> <p>Estudar é muito importante porque aprende-se ler e escrever que são o fruto muito relevante na vida actual. Em Moçambique todas as pessoas têm o direito a frequentar gratuitamente as classes iniciais.</p> <p>Para os adultos que beneficiaram do ensino gratuito enquanto jovens, abriu-se centros de alfabetização nos quais aprendem a ler e escrever.</p>

Texto III

	Tradução
Cikola	Escola
Cikola catshamaba mawe	Meu irmão, estudar é bom
Cikola. Cikola catshamaba mawe	Estudar é bom!
Cilo combatiziva tokhawe.	Será que não sabes que estudar é bom
Cikola catshamba mawe.	Meu irmão, estudar é bom
Cikola Cikola catshamaba mawe.	Escola, escola. Meu irmão, estudar é bom
Cikola catshamaba mawe.	Estudar é bom!
Cilo combatiziva tokhawe.	Será que não sabes que estudar é bom
Cikola catshamba mawe	Meu irmão, estudar é bom

Texto IV

	Tradução
Hina tsimbila ngu tona	Bouene compõe timbila para carpirmos
Hi dila maxaka	Os familiares que morreram
Maxaka mangagum	por causa do barulho
Ngu diguwa da Afonso si Samora Machele	De Afonso e Samora Machel
vangahiheta	
Ngungunyane, motseno maxaka,	
Didhota da hombe a manwi a diwombile milayo	Ngungunyane, o grande ancião
Acinawuya m'koma awuya Manjacaze	já havia aconselhado que se o Imperador
am'yeyisile ndiva vahiheta.	Voltasse, devia ser levados a Manjacaze
Vatiyasiya m'koma Mondlane. Vewuya vokha	Desobedeceram, e eis que nos matam a todos
vaciphikizana vacilwa	

Vathangile ngu nyam' nova vedaya Mondlane	
Vewuya dawumbidi vedaya Machele	Lá deixaram o Presidente Mondlane
Vewuya dawuraru vedaya citsunguca	E voltaram sós, discutindo, lutando
Vabanganaku wukoma	Primeiro, mataram Mondlane, ontem,
Ndiko vahiheta/ndiva vawulava	Segundo, Mataram Machel,
	Terceiro, massacraram o povo
	Querem o poder e vão nos dizimando

De um modo mais específico, constata-se que há modificações que ocorrem em diferentes áreas da ortografia das LB que são condicionadas por um mesmo factor, ou seja, o facto de os alunos terem beneficiado do ensino nas LB/L1 (Copi) num certo nível de escolaridade. Esta postura parece confirmar uma das hipóteses iniciais relativamente às causas da divisão silábica e translineação indiferenciadas das unidades lexicais do Português, que se observam em algumas escolas secundárias de Moçambique. As composições deste último grupo de informantes feitas em português não apresentam de modo gritante os desvios às regras de divisão silábica, pois, beneficiaram do ensino em suas línguas maternas (LB) num certo nível de ensino.

Os textos acima parecem indicar que os critérios/princípios da ortografia da língua Copi foram observados, pois os formandos de educação bilingue, de um modo geral, têm algumas noções de algumas sub-áreas da gramática das LB, nomeadamente (fonética, fonologia, sintaxe e morfologia). Há casos, como por exemplo, o do texto II, em que se pode observar, pela sua ortografia, que não têm todo o domínio desta, mas, como mostra o excerto, é pelo facto de ter tido algumas noções sobre os aspectos morfossintácticos das LB que tenta escrever bem, distinguindo as regras destas línguas das de LP, no que diz respeito à separação gráfica das sílabas das palavras.

Assiste-se, que se diga em abono da verdade, à uma performance/actualização correcta das regras de segmentação de palavras em Copi nos textos acima indicados. No texto I, por exemplo, verifica-se a aplicação de uma série de mecanismos necessários na escrita daquela língua, nomeadamente: a genitivização por meio do prefixos nominais diferentes que juntam

à partícula genitiva –a, no extracto seguinte: cikola **ca** wuwumbi **wa** vagondisi **ca** Homoine (centro de formação de professores de Homoine).

A genitivização nesta língua faz parte de alguns processos de qualificação, nomeadamente: a relativização e a locativização por meio de afixos. De outra forma, e para terminar a análise deste extracto, vimos que o autor do mesmo domina a fonética da língua bantu através da forma como representou a consoante oclusiva velar ortografada <c>. Esta consoante foi bem explorada também como elemento de concordância com os restantes elementos da frase tal como mandam as regras de concordância nas LB.

No texto II, a forma como a pré-nasalização foi representada merece algum olhar atento pois esperava-se que o autor pudesse confundir com alguns processos de nasalização que ocorrem no PE. Veja-se o extracto: *Kugonda hinga **m'thumu** wakukarata ka vathu*. A nasal silábica que ocorre na palavra em negrito, na representação em árvore das sílabas que a compõe, ela sozinha forma uma árvore silábica pois assume-se que tenha havido conspiração de várias regras fonológica que resultaram na queda da vogal –u que, na estrutura profunda, se encontra acoplada a consoante nasal.

Siguán e Mackey, (1987, p.82) argumentam que educandos que falam duas línguas têm várias habilidades devido as suas exposições a diferentes línguas e sistemas culturais. Por exemplo, elas possuem um excelente desempenho na área da Metalinguística, especialmente nas tarefas de Consciência Fonológica.

Consciência Fonológica é definida como a capacidade de encontrar e manipular os sons de um idioma (Sandra, 1997; Tingley *et al.*, 2004 *apud* Da Silva, *op. cit.*:14) e possibilita ao ouvinte a identificação de sons e dividi-los em componentes menores tais como **fonemas e Sílabas**.

De igual modo, Döpke (2003) aponta que as crianças falantes de duas línguas possuem bom desempenho nas actividades de consciência fonológica em relação as monolíngues. Desta maneira, os bilingues equilibrados são melhores que os monolíngues nas actividades que requerem a consciente manipulação da língua, isto é, **brincar com sons** tendo como propósito, obter uma nova palavra e, conseqüentemente, eles são capazes de detectar mais erros gramaticais quando comparadas com as monolíngues (Stewart, 2004; Tingley *et al.*,

No que tange a este aspecto, Ngunga e Faquir (2011:302) defendem que haja a padronização inter-linguística no seio das línguas moçambicanas do grupo bantu, pois de acordo com os mesmos estudiosos “sabendo ler numa língua, os falantes de mais do que uma língua terão menos dificuldades de ler e escrever a (s) outra (s) língua (s).”

Na parte que se segue vamos, a título de exemplo, representar algumas árvores das sílabas em Copi.

(i)
A tree diagram for the syllable [dar]. The root node σ branches into a vowel node [a] and a coda node [r]. The vowel node branches into an onset node [d] and a nucleus node [a]. The onset node branches into a stop node [d]. The nucleus node branches into a vowel node [a].

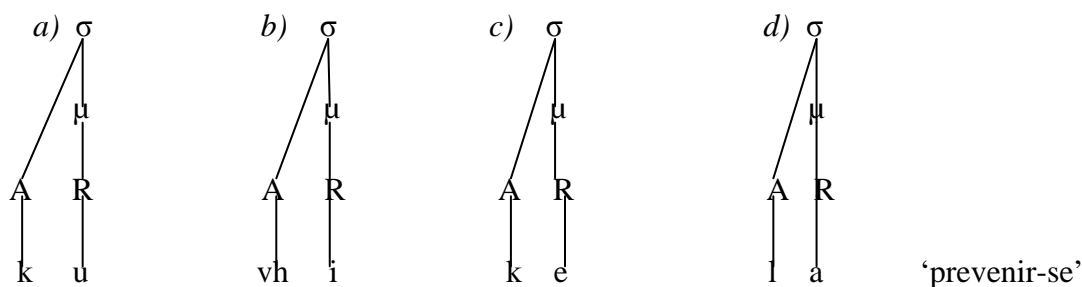
(ii)
A tree diagram for the syllable [dar]. The root node σ branches into a vowel node [a] and a coda node [r]. The vowel node branches into an onset node [d] and a nucleus node [a]. The onset node branches into a stop node [d]. The nucleus node branches into a vowel node [a].

(iii)
A tree diagram for the syllable [dar]. The root node σ branches into a vowel node [a] and a coda node [r]. The vowel node branches into an onset node [d] and a nucleus node [a]. The onset node branches into a stop node [d]. The nucleus node branches into a vowel node [a].

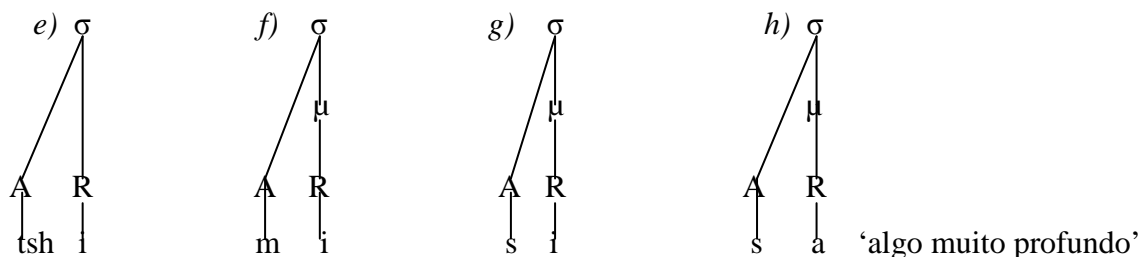
(iv)
A tree diagram for the syllable [dar]. The root node σ branches into a vowel node [a] and a coda node [r]. The vowel node branches into an onset node [d] and a nucleus node [a]. The onset node branches into a stop node [d]. The nucleus node branches into a vowel node [a].

‘dar à luz uma nova vida’

Sabe-se que depois da aplicação destas regras fonológicas é possível falar de sílabas longas, pois, a teoria mórica entra em cena. Quando se trata da elisão de vogais, a título de exemplo, sabe-se que ocorre o alongamento compensatório que consiste na retomada do peso mórico da vogal que se elidiu. Essa retomada é feita pela vogal que sobrevive. No entanto, num outro processo fonológico, a fusão, o alongamento compensatório tanto pode ser resultado da vogal anterior como da vogal seguinte, dependendo das condições morfológicas impostas pela demanda da língua. Veja-se a representação, em árvore, de algumas sílabas:



Tal como no caso das vogais, certas regras afectam de muitas maneiras a realização das consoantes. Neste caso, estamos a falar da modificação das consoantes. As estruturas internas das sílabas nas alíneas *a*, *c*, e *d*) são diferentes da representada em *b*), porque nesta encontramos uma sequência de consoantes, ou seja, consoante modificada. Trata-se de uma vibrante /v/ que sofreu a aspiração, no entanto, na sua representação em árvore, é assumida como uma única consoante em posição de Ataque. Considere-se outros exemplos a seguir:



Em e), estamos diante duma estrutura silábica cujo ataque/*Onset* é constituído por uma consoante modificada, ou seja, uma oclusiva, alveolar, não vozeada /t/ que é fricativizada e aspirada. Embora tenhamos aparentemente uma sequência de três consoantes na estrutura de superfície, na estrutura profunda, assume-se que estamos diante de uma consoante apenas. Aliás, na representação em árvore silábica, o ataque é preenchido pela respectiva consoante modificada. Trata-se de um fenómeno muito produtivo nas línguas bantu que deve merecer muita atenção na ortografia destas, pois se tal facto não acontecer se põe em causa as regras de segmentação de morfemas nelas preconizadas.

Em oposição ao exposto sobre esta língua (*Copi*), na língua portuguesa, esta sequência de sons consonânticos merece outro tratamento, no que, às regras de representação interna das estruturas silábicas, diz respeito. Na representação da estrutura interna da Sílabas em Português, esta sequência de consoantes poderia sofrer uma ramificação, ou seja, seria um ataque ramificado.

Note-se que nesta língua não bantu, o ataque pode dominar uma consoante, duas consoantes ou pode ainda não estar segmentalmente preenchido. Os Ataques complexos mais frequentes em Português são os que apresentam uma sequência de *obstruinte*²⁴ + *líquida*. Além desta, parece que na ortografia corrente dos alunos, há várias sequências consonânticas cuja translineação se torna árdua, como iremos discutir nas secções subsequentes deste trabalho.

Nas alíneas *f*, *g* e *h*, respectivamente, temos estruturas silábicas que reflectem o modelo silábico consoante, vogal (CV), ou seja, o canónico e regular não só nas línguas do grupo bantu, mas também em Português. Estes exemplos representam o que chamamos de vogal breve, leve ou monomórica dependendo da bibliografia usada.

Note-se que em unidades lexicais cujas sílabas apresentam a estrutura CV, parece não haver dificuldades na sua translineação por parte dos nossos alunos, o que parece revelar uma certa similaridade.

3.7. Descrição da estrutura interna da sílaba em Português Europeu.

Na secção anterior, acabámos de apresentar as diferentes estruturas silábicas das línguas bantu.

Uma melhor descrição das estruturas da sílaba em PE tem de ser feita a partir de algum suporte teórico estabelecido por diferentes estudiosos que têm vindo a desenvolver estudos no domínio da sílaba no PE. Assim, antes de procedermos à descrição das diferentes estruturas encontradas nas composições dos nossos informantes, afigura-se-nos relevante apresentar alguns critérios da silabificação. Grande parte dos fenómenos que veremos será analisada à luz dos princípios e critérios de silabificação arrolados em Vigário e Falé (1994), como mostra o subtítulo que se segue.

3.6. Critérios de Silabificação (Vigário e Falé, 1994)

Os critérios de silabificação que se seguem são apresentados por Vigário e Falé (1994:466), numa tentativa de estabelecer alguns procedimentos a serem observados na identificação de fronteiras de sílabas das palavras no PE. Como veremos, alguns critérios de silabificação comungam com alguns princípios de translineação de palavras em PE defendidos em Cavacas e Gomes (2005) e posteriormente em Moraes e Silva (2010).

²⁴ Os sons obstruintes são produzidos com um impedimento total ou parcial à passagem do fluxo de ar no tracto vocálico. As consoantes oclusivas orais e as fricativas são obstruintes.

1.º Critério. Em conformidade com este critério, a silabação tem de ser intuitiva, de base estritamente fonética ou fonológica e inteiramente coerente com o dialecto adoptado. Os exemplos consensuais apresentados por todos os estudiosos que versam sobre a sílaba no PE, por exemplo, Fernão de Oliveira (1536), João Barros (1540), Jerónimo Soares Barbosa (1822), e, mais recentemente, Sá Nogueira (1941), Morais Barbosa (1965) e Barbeiro (1986)²⁵.

Ex. *ca – pa* *cas – ca* *can – ta*

 ca – bra *cal – ça* *quei – ma*

2.º Critério. Como se advoga neste critério, no acto da divisão silábica temos de nos colocar no nível fonológico ao não considerar, por um lado, a existência de ditongos crescentes (mas sim sequência de vogais) e, por outro, a queda de vogais pela aplicação de regras de supressão das vogais átonas, como ilustram os exemplos em 2: Ex. 2. *Qui – e – ta; Per – ce – bes ou per – ce – bes- te*

3.º Critério. De acordo com este critério, tomemos as consoantes mudas como inexistentes e a sequência <ou> como representando graficamente o segmento /o/, tal como exemplificamos em 3. Ex. 3. *cac – to; cou – to;*

Note-se que, a título de exemplo, nos parágrafos das redacções 24 e 25, onde se dividiu *impa-cto* e *ro-ubo*, respectivamente, ocorre uma violação deste critério, visto que no primeiro caso, a consoante muda /k/ devia ter sido considerada inexistente. No segundo caso, o redactor devia ter assumido a vogal /u/ como se realizasse /o/, deixando ficar, deste modo, na primeira sílaba. Veja-se a possível segmentação: [ĩ- pak- tu] e não *[ĩ-pa-ktu]; [row- bu] e não *[ro-ubu].

4.º Critério. Este critério considera os grafemas <qu> e <gu> como representando consoantes labializadas, não podendo portanto separar, sempre que o “u” se pronuncie, o que transcrevemos nos exemplos que se seguem como: *qw* e *gw*, respectivamente. Ex. 4. *qwa – tro; gwar – da;*

²⁵ CF. Vigário e Falé (1994) para uma identificação mais ajustada destas referências bibliográficas ou um esclarecimento de ideias advogadas por cada estudioso.

Este critério também é defendido por Cagilari (1997:89) para quem os ditongos crescentes, apresentam uma consoante velar no *Onset* como em: *quatro, água*.

Como se pode ver nos critérios acima arrolados, a divisão de sílabas de uma unidade lexical tem de partir de uma série de regras para o efeito, pelo que, a subversão a cada um destes critérios põe em causa a coesão e a sobrevivência da ortografia do português.

Nesta subsecção do trabalho acabámos de apresentar os critérios de divisão silábica, na próxima passaremos em revista alguns princípios universais de boa formação silábica e que regulam as relações de vizinhança entre sons no domínio da sílaba.

3.7. Princípios de Organização Silábica

Os princípios de organização dos segmentos dentro das sílabas permitem-nos:

- a) identificar os padrões regulares das sílabas;
- b) fazer opções sobre a estrutura e as fronteiras silábicas a adoptar em contextos problemáticos (sequências consonânticas problemáticas e dos grupos ‘sC’).

Estes princípios de organização interna da sílaba são universais presentes em todas as línguas do mundo, definindo as relações de vizinhança segmental mais frequentes no interior da sílaba. (Idem, Mateus *et al*, 2005).

3.7.1.Princípio de Sonoridade (PS).

Os exemplos que sustentam os princípios aqui arrolados foram recolhidos em Mateus *et al* (2005). Este princípio organiza os sons dentro da sílaba de acordo com o seu grau de sonoridade. Associa-se à Escala de Sonoridade. Esta escala ordena os segmentos em função do seu grau de sonoridade, os quais se distribuem entre o grau mínimo de sonoridade, atribuído às oclusivas, e o grau máximo de sonoridade, atribuído às vogais.

Ou seja: *numa sílaba, a sonoridade dos segmentos tem de decorrer a partir do núcleo até às suas extremidades. A sonoridade dos segmentos é definida pela seguinte escala, apresentada por ordem decrescente de sonoridade: vogais – líquidas – nasais – fricativas – oclusivas.* (Cf. Vigário e Falé, 1994:473).

3.7.2. Princípio do Ataque Máximo (PAM)

Tendo em conta o formato silábico universal CV (com Ataque e sem Coda), o **Princípio do Ataque Máximo** (PAM) postula que o *preenchimento dos Ataques é preferível ao preenchimento das Codas*: assim, a sequência VCV silabifica como V.CV e não como *VC.V.

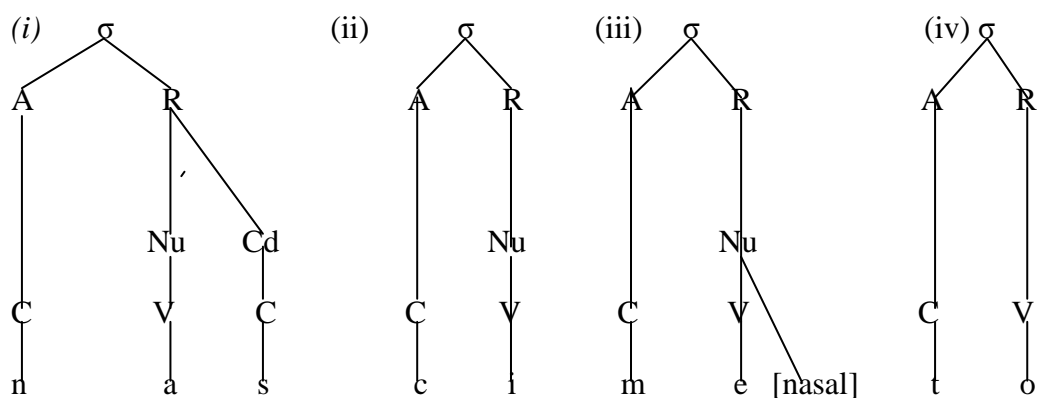
Exemplo: oco [ó.ku] e não *[ók.u]

Olhando para extracto da composição número 9, a seguir, verifica-se uma violação do princípio do ataque máximo que acabámos de anunciar, pois, o redactor preferiu preencher a coda da sílaba seguinte em detrimento do ataque.

Texto 9

*(...) este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião /*au/ convicção, sozin-ho.*

Além do princípio que acabamos de apresentar, o redactor infringiu a regra segundo a qual não se separa o dígrafo (nh), como se verá nas secções subsequentes. Nesta subsecção do trabalho representámos, em árvore, algumas estruturas silábicas do Português à luz do modelo *Ataque-Rima* preconizado em Mateus *et al* (2005).

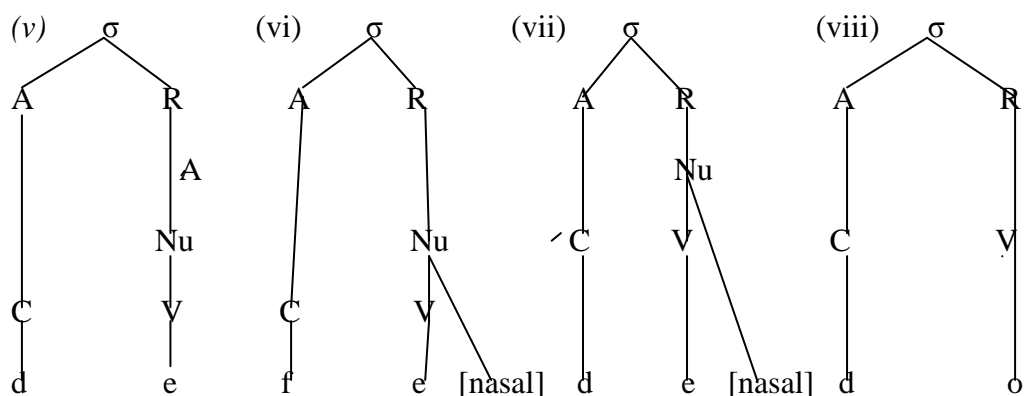


Note-se que em (i) estamos perante uma sílaba fechada, ou seja, com a margem pós nuclear, na terminologia de Ngunga (2004), o que em outros autores como Mateus *et al* (2005) consideram Coda, um constituinte, que, regra geral, deve ser preenchido por uma consoante.

Em (ii) e (iv) temos estruturas silábicas que denotam uma outra realidade no que diz respeito aos constituintes silábicos em Português, ou seja, temos um ataque simples, constituído por consoantes oclusivas, e o próprio núcleo da sílaba que é constituído de vogais [i, o] alta anterior e média posterior, respectivamente.

Em oposição do exposto no parágrafo anterior, em (iv) temos uma outra representação da estrutura silábica na língua portuguesa. Estamos diante do processo de nasalização²⁶. No nosso entender o som que é nasalizado é correspondente à vogal [e].

Alude-se que grande parte das redacções dos nossos alunos revela uma certa tendência a efectuar uma translineação deficitária de um tipo de unidades lexicais nas quais o processo de nasalização se torna evidente, como se pode ver nas estruturas de sílabas a seguir.



As árvores silábicas acima apresentadas revelam as diferentes estruturas da sílaba em Português. Desde o primeiro caso até a este ponto, constatamos a ocorrência do modo quase regular de sílabas nas quais se observa o processo de nasalidade de consoantes. Trata-se, neste caso, da nasalidade da consoante oclusiva alveolar [d] que, em virtude de tal processo, perde alguns traços do modo de articulação, passando a realizar-se como não vozeada.

Olhando para as redacções feitas pelos nossos informantes, nota-se um conhecimento deficitário sobre a translineação de unidades lexicais nas quais se encontra uma vogal mais uma consoante nasal e vice-versa (V+Cn) ou (Cn+V), como veremos nas redacções onde ocorrem, respectivamente: *defe-ndendo*; *nascim-ento*, *aprofu-ndamento*.

Esta contiguidade de segmentos (consonânticos e vocálicos) é considerada problemática para a identificação das fronteiras das sílabas de palavras que as contêm. Veja-se o que se recomenda para os contextos que acabámos de descrever.

²⁶ O termo *nasalidade* designa a ressonância nasal devida ao escoamento do ar no laríngeo pelas fossas nasais, durante a articulação de uma vogal ou de uma consoante. Reserva-se, as vezes, esse termo às consoantes, e o de nasalização às vogais. Em geral, esse termo designa os casos em que a ressonância nasal tem um valor fonológico, diferenciando-se, assim, da nasalização (Dubois *et al.* 1993:427).

3.7.3. Violação dos princípios gráficos: caso da vogal seguida de uma consoante gráfica nasal (VN)

Os casos da sequência de uma vogal e uma consoante nasal incluem contextos em que uma certa vogal assimila o traço mais nasal em virtude de estar próxima de uma consoante nasal alveolar. Como ilustra o texto número 15, quase a maioria dos aprendentes da LP infringem as regras, visto que de acordo com *Prontuário da Língua Portuguesa* (SD. p. 50) são indivisíveis as sequências de vogal e consoante gráfica nasal (porque foneticamente correspondem a um só segmento vozeado, logo a uma só sílaba).

Vejam-se alguns parágrafos que evidenciam os contextos acima indicados.

Texto número 15

Ia no dia seguinte a filha ao voltar da <XXX> escola e surpreendida pelos violadores e ela <XXX> conseguir escapulir-se eles acabam /*XXX/ ate envolver com ela sexualmente e ela acaba tendo umas marcas no corpo que **aprese-**

ntam que ela foi violada.

Aluna: GRM. Data Junho de 2014

A unidade lexical mal grafada “*aprese-ntam*” seria, à luz do PE, translineada do modo seguinte: a-pre-sen-tam.

Outro fenómeno constatado nas conversas informais, embora não poucas vezes evidenciado nas redacções de que dispomos, tem a ver com a epêntese da vogal entre alguns grupos consonânticos do PE, nomeadamente, /bl/, /tr/, /gn/, /pr/ */*bulusa*/ em vez de “blusa”; */*taratara*/ em vez de tratar; */*iginorar*/ em vez de ignorar; */*purussor*/ em vez de professor, */*purocesso*/, etc. Assim, pode-se deduzir que os falantes de Copi tendem a introduzir as vogais [i, u] entre sequências de consoantes actualizando a estrutura da sílaba nas línguas Bantu que é CV ou CV(V), este último caso para as línguas cujo alongamento vocálico é fonológico, isto é, contrastivo. Esta ideia também é defendida por alguns linguistas moçambicanos, nomeadamente (Gonçalves 1996, Mendes 2000, Firmino 2006 e Dias 2008). Dias (2006:106), fazendo uma apreciação geral das áreas problemáticas do PM mostra que “nos padrões silábicos, as mudanças são frequentes, ocorrendo, normalmente, acréscimos que demonstram a tendência para o padrão CV usual nas línguas bantu.

A inserção de uma vogal epêntica em sílabas que começam com consoantes duplas não-homorgânicas, em réplica da estrutura silábica das línguas bantu (Firmino, 2006.p148). O autor refere ainda que com excepção das sílabas com consoantes homorgânicas, a estrutura silábica nas línguas bantu locais é tipicamente CV.

Ainda sobre o mesmo assunto, Gonçalves (1995:19) refere que ao nível fonológico, dada a inexistência de estudos científicos sobre este tipo de fenómenos, poder-se-ia dizer que o facto que parece mais evidente é a tendência para estabelecer a sequência CV (Consoante-Vogal) como sendo a estrutura típica da sílaba.

Trata-se, no entender da mesma autora, de um facto que tem consequências importantes no sistema fonológico global da língua, uma vez que parece explicar certas tendências comuns aos locutores moçambicanos de Português.

A explicação acima apresentada parece validar uma das hipóteses levantadas no trabalho, a que advoga a possibilidade de a má segmentação de palavras no PE ser justificada pela estrutura das línguas bantu. Porém, as análises encarregam-se de repor a verdade mostrando que não só as LB podem justificar tal fenómeno, como também a estrutura do PE, como, aliás, alude Firmino (1988) na ideia que se segue. Para este estudioso, alguns destes desvios podem surgir da própria complexidade do sistema linguístico. Como frisa Gonçalves (1986:18,) *apud* Firmino (*op.cit*)²⁷, “em qualquer língua existem sempre estruturas cuja realização, por razões variadas, apresenta dificuldades. Em certos casos, essas dificuldades são sentidas pelos próprios falantes natos dessa língua, noutros casos, trata-se de dificuldades sentidas por qualquer aprendiz dessa língua, independentemente da estrutura da língua materna.”

Texto número 9

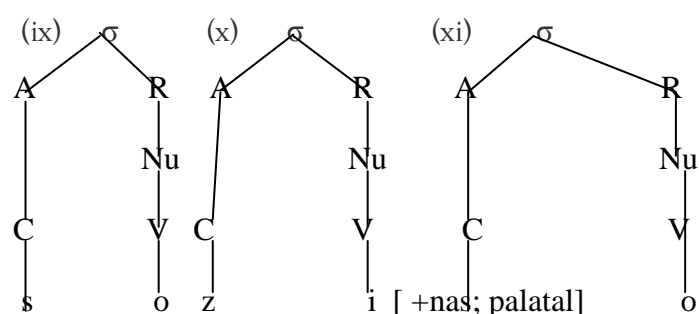
(...) este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião /*au/ convicção, *sozin-*

ho ou em comum, tanto /*em/ público como em privado, pelo ensino, pela pátria, pelo culto e pelos /*nitos/ e toda a pessoa, individual ou colectiva tem direito à propriedade.

Aluna: E.G.A. Data da redacção: 11 de Agosto de 2014

²⁷Cf. Firmino, G. (1988). Desvios à norma no Português falado em Moçambique. In Acta do 4.º Encontro da Associação Portuguesa de Línguística.

No exemplo acima (texto 9), encontramos evidenciado um uso desviante da forma como se faz a divisão silábica unidade lexical “sozinho” grafada do modo indiferenciado, ou seja, sem observância de critérios específicos da translineação. Este exemplo parece violar o código segundo o qual não se separam os dígrafos ch, lh, nh (Cf. Cavacas & Gomes, 2005.p.193). Este princípio é também defendido por Morais & Silva²⁸ (2010:51). Veja-se, a seguir, a representação de estrutura interna das sílabas da palavra em análise “sozinho”.



Em (ix) e (x) temos estruturas de sílabas mais frequentes e aparentemente de fácil identificação na palavra. No entanto, em (xi) encontramos, uma vez mais, uma sequência de consoantes que, na terminologia de Morais e Silva (*op.cit*) é um dígrafo. Nesta natureza de segmentos consonânticos, a identificação de fronteira das sílabas que a palavra contém afigura-se problemática na ortografia dos nossos alunos, daí o interesse em compreender os factores subjacentes a este fenómeno.

No nosso entender, rejeita-se a hipótese formulada anteriormente a de que tendo as línguas bantu como L1 dos aprendentes, maior será a dificuldade de efectuar a divisão silábica/translineação correcta na língua portuguesa devido à ocorrência de grupos consonânticos estranhos às estruturas de palavras em línguas bantu porque nestas línguas também é possível encontrar sequência de segmentos consonânticos sujeitas às regras destas línguas. Dito de outro modo, não é pelo facto de as crianças terem o *Copi ou as suas variantes* (línguas bantu) como L1 e mais faladas do que o Português que encontram dificuldades na

²⁸Morais & Silva (2010) defendem várias regras que regem a ortografia da língua portuguesa numa obra cujo título é: Pensar a Língua Portuguesa.

identificação das fronteiras entre as sílabas das palavras e o consequente fraco domínio de translineação destas. Aliás, tanto nas suas línguas bantu, quanto no português, os alunos por nós inquiridos revelam uma gritante falta de aplicação correcta das regras de translineação (divisão gráfica das sílabas das palavras), pois não tiveram ensino nas classes iniciais nas línguas bantu.

A hipótese que se mostra ser mais sustentável é a de que os alunos não terem o domínio da ortografia da sua L1, que, na sua maioria, é uma língua do grupo bantu, aliado ao facto de estarem a escrever numa língua que não lhes é familiar, pois estudos recentes sobre o ensino do português em contextos multilingues, como é o caso de Moçambique, defendem que “a proficiência numa primeira língua prediz o sucesso de estudar e escrever uma segunda” Abadzi (2006:16).

O mesmo autor refere que se as crianças tiverem um vocabulário limitado na sua primeira língua, a segunda língua (L2)²⁹ pode vir substituir elementos da primeira ocorrendo um bilinguismo subtrativo e, consequentemente, um conhecimento limitado de ambas as línguas.

Pelo exposto, pode concluir-se que a problemática na identificação de fronteiras entre as sílabas que comportam sequências de consoantes diversas no PM e consequente défice na aplicação correcta das regras sobre a translineação pode ser justificada pelo fraco domínio de ortografia destas línguas, pois o ensino-aprendizagem de línguas (materna/estrangeira) e os estudos sobre interacção em contextos bi/multilingues em Moçambique são recentes. Pouco se faz sobre a Educação Bilingue em Moçambique, embora discursos oficiais tendam a promovê-la, porém, na prática, não há imposição para o cumprimento da lei sobre a sua operacionalização. É importante observar que não estamos a propor-nos a fazer aqui um trabalho exaustivo, mas apresentar uma linha de raciocínio que possa sustentar a nossa hipótese.

Na secção anterior deste trabalho acabámos de descrever um certo tipo de estruturas de sílaba em Português. Trata-se de sílabas que, na sua maioria, apresentam o “*Onset*”/ataque

²⁹ Língua segunda (L2) é a língua que um indivíduo adquire/aprende em segundo lugar e na qual consegue comunicar razoavelmente. Em Moçambique a L2 aprende-se de duas maneiras: informalmente, em casa ou na comunidade (zonas urbanas) e formalmente, na escola, com muito pouca cobertura em ambos os casos, o que faz com que esta língua, apesar de ser a língua oficial do país, não seja conhecida pela maioria dos moçambicanos. (Cf. Patel, 2006).

complexo, ou seja, ataque ramificado cuja sequência de consoante é o tipo consoante oclusiva mais uma nasal (*oclusiva + nasal*).

Nesta subsecção do nosso trabalho, vamos tratar de um outro caso relacionado com a problemática na identificação de fronteira entre sílabas nas palavras. Trata-se de casos onde ocorre a sequência de vogal e semivogal (CG) ou ditongos.

3.7.4. Violação dos princípios gráficos: caso dos ditongos

Texto número 4

Todos os seres humanos podem invocar os *dire-*

itos e as liberdades proclamadas na presente declaração sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo de língua, de religião, de opinião política ou outra de origem nacional ou social de fortuna.

Aluna: IA. Data da redacção: 15 de Julho de 2014

Texto número 16

E a nossa filha acabou perdendo a vida por causa deles por isso decidem que os *malfe-itores* ficam 70 anos de prisão perpetua.

Aluno VJM. Data da composição: 23 de Junho de 2014

Texto número 11

(...) de Outubro comemora-se dia da paz para todos familiares moçambicanas.

é o dia *mu-*

ito comemorativo em que até hoje em dia recordamo-nos desta data porque é o dia dedicada a liberdade de todas as *pess-*

oas o que quer dizer que todos nós estamos livres e muito mais.

Aluna: VL. Data da redacção: 13 de Agosto de 2014

Estes parágrafos retirados das composições evidenciam a existência de algumas translineações e divisões silábicas usuais no português escrito em algumas escolas de

Moçambique, porém não usadas no português europeu (PE), como, por exemplo, (...) “*os seres humanos podem invocar os **dire-itos***”; “*para todos familiares moçambicanas (...) é o dia **mu-ito** comemorativo*” (Cf. Textos 4 e 11). Já no texto número 16 temos o seguinte parágrafo: E a nossa filha acabou perdendo a vida por causa deles por isso decidem que os **malfe-itores** ficam 70 anos de prisão perpétua. As unidades lexicais mal divididas são as que em PE seriam grafadas do modo seguinte: *direi-tos*; *mui-to* e *malfei-tores*, respectivamente, dado que não separam vogais que formam ditongos (Moura, 200; Morais e Silva, 2010. p.63;). O parágrafo que a seguir se apresenta revela uma tendência a separar uma vogal que se encontra depois de um certo grupo de segmentos, nomeadamente **qu**, e **gu**. Onde se grafou qu + e, em PE seria “que”, ou seja, não se separaria a vogal “e” daquele grupo dado que, se tal facto acontecer, como se alude, se põe em causa a regra segundo a qual “não separar as vogais que estão a seguir aos grupos **gu** e **qu**” (Cf. Moura, 2000, p.11). Vigário e Falé (*op.cit*) corroboram o posicionamento de Moura, pois num dos critérios de silabificação defendem que temos de considerar os grafemas <qu> e <gu> como representando consoantes labializadas, não podendo, portanto, separá-las das respectivas vogais.

Texto número 6

(...) é o dia em <xxx> **qu-e** se declarou que a paz, <que> estivesse em Moçambique.

O Joaquim Chipande é quem foi, o **libe-**

rtador que uniu grandes povos.

O acordo geral de paz deu se em 1962 em Roma.

Aluno: AM. Data da redacção: 22 de Julho de 2014

3.7.5. Violação dos princípios gráficos: caso da combinatória das consoantes gráficas iguais (rr, ss) e (mn)

Ainda no texto 11 ocorre a neutralização da regra que veda a separação de pares de consoantes iguais, a título de exemplo, *pess + oas*, no PE seria pes- -soas. Este desvio às regras de translineação põe em causa o posicionamento de Moura (*op.cit*) segundo o qual quando uma palavra não cabe toda no fim da linha é preciso dividi-la. Ao proceder à divisão silábica tem de se respeitar algumas regras de translineação. Ei-las: colocar as consoantes dobradas (**ss**, **rr**, **mm**) uma em cada linha.

Vejamos o caso em que a vibrante [r] correspondente à grafia <r> se repete.

Texto 7

Assim sendo <(.....)> a actualização da /*população/ em geral principalmente para os cidadãos a serca deste problema seria importante porque a limpeza é a base da retirada dos mosquitos <(.....)> em nossa <(.....)> casas.

É bem sabido que nas <zonas> recondidos existem da poucas pessoas tou falando de uma fraca densidade populacional então em lugares que o camião <município> não chega. As pessoas ou os **carr-**

-egadores de o lixo; <(.....)> Abrir covas para litar o lixo e água suja deixar tudo o que pode por em risco dentro da <cova> para qua não apareçam lá os mosquitos.

Aluno: CR. Data Julho de 2014

Feita a análise do extracto do texto 7, no parágrafo que se segue vamos tratar de um outro tipo de grupo consonântico cuja divisão das suas sílabas se afigura problemática. Trata-se do caso em que a nasal bilabial [m] correspondente à grafia <m> é seguida da nasal alveolar [n] ortografada <n>.

Vejamos o extracto abaixo.

Texto 21

(...). É verdade que esta doença esta dar /*preocupação/ a todos Moçambicanos isso porque a Malaria facil cura mas mata (...)

<(.....)> Modo de prevenção. Para-se prevenir desta doença é presiso dormir en baxo das redes mosquiteiras ou faser de tudo para <(.....)> /eveitar a picada de mosquitos, dexas criar as moscas atraveis de coreas con /*águas/ sujas, canpinar o canpim que esta no redor da casa, usar senpre o baggoon e /*todo/ que esta ligado na area de higiene. Os outros sintonas da malária são:

-Vometos <(.....)> sonolencas problemas da **a-**

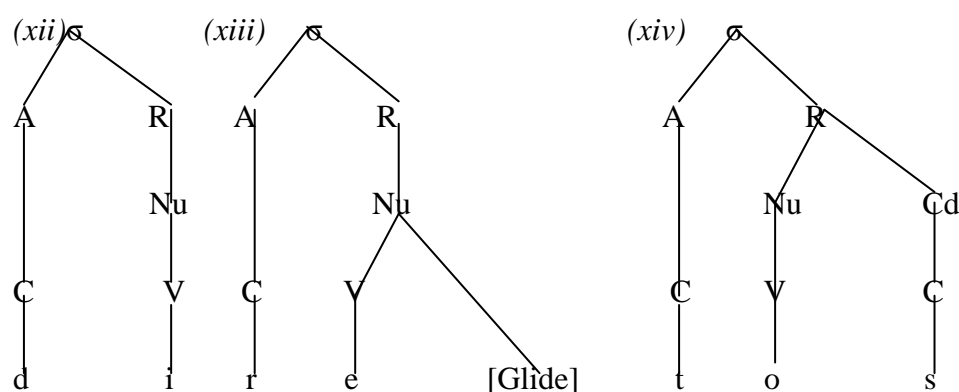
mnésia ou esquecimento, calarefrios falta de appetite, fraquesa e mais.

Aluna: LZ. Data Junho de 2014

A respeito das sequências de duas consoantes iguais, alude o *Prontuário da Língua Portuguesa (op.cit)* que “são divisíveis as sequências de duas consoantes gráficas iguais”.

Note-se que, poderíamos continuar a trazer à superfície outros extractos de textos no entanto pela opção de cariz metodológico e devido à necessidade de resumir as análises, não incluimos todos. O que fizemos foi uma tentativa de trazer, no conjunto de 45 textos, apenas os que possam servir de amostra para alicerçar a nossa pesquisa. Não imaginamos o que seria de nós se tivéssemos de inserir todos os extractos no trabalho. Supomos que o nosso texto perderia a estética. Mas para responder às necessidades de quem deseja confirmar os diferentes fenómenos que analisamos e descrevemos, anexamos outros textos na parte final do trabalho, ou seja, na secção reservada aos apêndices.

A seguir, veja-se a representação da estrutura interna das sílabas da palavra “direitos” mal translineada na composição número quatro (4).



A palavra ‘direito’ em análise tem como fronteira de sílabas o exposto em (xii), (xiii) e (xiv), respectivamente. Olhando para a forma como os inqueridos fizeram a translineação da mesma, pode concluir-se que a divisão silábica de palavras nas quais ocorre a sequência de uma vogal e uma glide, ou seja, em palavras nas quais existem ditongos, afigura-se um problema. Tal problemática deve-se, no nosso entender, ao facto de se não ter desenvolvido, nas classes iniciais, o hábito de efectuar a translineação de palavras envolvendo ditongos diferentes. Aliás, provavelmente, o próprio conceito de ditongo não tenha sido bem assimilado pelos utentes desta língua.

Texto número 40

(...) a falta de respeito com os direitos humanos tem um **imapa-**

-cto negativo porque as pessoas são mal tratadas e acabam por morrer enquanto os culpados são os nossos políticos (...).

No fragmento acima temos um ataque formado por duas consoantes com o mesmo grau de sonoridade (*kt*), logo, infringem o princípio acima definido (Princípio de sonoridade).

Uma pergunta rápida e directa pode ser colocada deste modo: o que estará por detrás da tal dificuldade na divisão gráfica de sílabas das palavras com este grupo de consoantes?

Mateus (2001) argumenta da seguinte maneira: “na translineação (divisão gráfica de uma palavra) constata-se dificuldades de divisão das ‘sequências violadoras’, decorrentes da dificuldade de distribuição das duas consoantes pelas duas sílabas a que pertencem”. A autora mostra que, por exemplo, em palavras como *admirar*, a hesitação entre *ad-mirar* e *a-dmirar* deve-se a duas interpretações: uma etimológica, *ad+mirare*, e outra silábica *a- -dmirar*. Se *dm* fosse um grupo próprio, o falante saberia que não podia separar as duas consoantes e que ambas pertenciam ao ataque da sílaba, pelo que não hesitaria na divisão ortográfica da palavra.

De acordo com Duarte (2000) “o ensino do funcionamento gramatical dos sons na língua não pode submeter-se ao ensino da ortografia. Nos primeiros anos de escolaridade, a ortografia é um objecto de estudo por si só; o estudo dos sons que fazem parte da língua materna do aluno constitui outro objecto de estudo”.

Esta autora mostra ainda que a relação entre ambos os sistemas (ortografia e inventário de sons) permite que o estudo seja usado na metodologia adoptada para introduzir outro. No entanto, é imprescindível que, desde cedo, se desenvolva no aluno a consciência de que se trata de dois sistemas com naturezas distintas.

Depois de termos analisado alguns extractos dos nossos informantes tendo em conta os critérios de divisão silábica/translineação nas duas línguas (PE e Copi), na secção que se segue vamos tratar do mesmo assunto tendo em conta outro material usado na pesquisa. Trata-se da análise e interpretação de dados através de inquéritos sociolinguístico e linguístico fornecidos pela população alvo do estudo do fenómeno de divisão silábica e translineação de palavras no PE.

O quadro 5 que se segue mostra o número e a percentagem de respostas tendo em conta o tipo de ensino e os contextos de ocorrência de segmentos.

Quadro 5. Resultados dos exercícios de divisão silábica e translineação

Contexto	Monolíngues³⁰	Bilíngues³¹	Num. total de palavras/caso
ocl. + vibrante	Num. de respostas certas 12 Percent. de respostas 38.7%	Num. de respostas certas 13 Percent. de respostas 92.8%	12
ocl. + nasal	Num. de respostas certas 11 Percent. de respostas 35.4%	Num. de respostas certas 09 Percent. de respostas 64.2%	09
sequência de vogais/ditongos	Num. de respostas certas 02 Percent. de respostas 6.4%	Num. de respostas certas 03 Percent. de respostas 21.4%	11
vogal+cons. Nasal	Num. de respostas certas 04 Percent. de respostas 12.9%	Num. de respostas certas 10 Percent. de respostas 71%	05
dígrafos: nh, lh, qu, gu	Num. de respostas certas 03 Percent. de respostas 9.67%	Num. de respostas certas 12 Percent. de respostas 85.7%	02
Total de alunos inquiridos/ Grupo	(31 alunos)	(14 alunos)	(39 palavras)

Uma vez que um dos objectivos do presente estudo é verificar o fenómeno mais problemático no domínio da translineação de palavras em Português, o cálculo das percentagens, nos dois exercícios agrupados no quadro acima, teve em conta o tipo dos grupos consonânticos, tratado como o contexto de ocorrência das combinações em alguns casos conforme vem no mesmo quadro.

No quadro acima, para além do tipo dos grupos consonânticos, tivemos em consideração também o número total das palavras fornecidas em cada caso. Este número constituiu a base para o cálculo das percentagens em grupos de alunos diferentes (Monolíngue e Bilíngue).

³⁰ Referimo-nos aos alunos que frequentam o ensino monolíngue nas escolas secundárias de Quissico e Homoine, embora falem duas ou mais línguas moçambicanas.

³¹ Referimo-nos ao grupo de formados que se encontra a frequentar o curso de formação de professores que têm as disciplinas de Línguas Moçambicanas e Metodologias de Educação Bilíngue.

Se, por exemplo, no contexto da combinatória oclusiva mais oclusiva (*ocl+ocl*) se forneceu aos alunos dez (10) palavras e, neste exercício, dois alunos acertaram a sua divisão silábica, a percentagem de respostas certas foi calculada obedecendo à seguinte fórmula:

$$10 \longrightarrow 100\%$$

$$2 \longrightarrow X$$

O resultado que surge deste cálculo é apresentado em percentagem, como se observa no quadro acima. É necessário olhar para o número de respostas certas e a respectiva percentagem tendo em conta o total das palavras em cada contexto, assim se evita a ambiguidade na interpretação dos dados.

O grupo Monolingue é constituído por 31 alunos³² ao passo que o Bilingue é composto por 14. A percentagem que se dá à cada grupo foi calculada em função do número total de alunos em cada um desses grupos.

O grupo Monolingue não domina melhor os critérios da divisão silábica no contexto de palavras que exibem *oclusiva + vibrante*; *oclusiva + nasal*, pois a percentagem de respostas certas é de 38.7% e 35% contra 92.8% e 64.6% do grupo Bilingue.

Os Monolingues e Bilingues mostram um comportamento linguístico próximo nos dois casos seguidos, nomeadamente: na sequência de vogais/ditongos e na sequência de uma vogal+ e um segmento nasal (*Vide* Quadro 5. Resultados dos exercícios de divisão silábica e translineação).

No contexto dos dígrafos <nh, lh, qu, gu>, o grupo Bilingue domina melhor os critérios de translineação das palavras pois a percentagem das respostas certas é de 85.7 % contra 9.6%.

Nesta secção de trabalho acabámos de analisar e descrever os dados tendo em conta as variáveis monolingue e bilingue. Na subsecção seguinte vamos analisar outro tipo de exercícios que fornecemos aos alunos. Os mesmos vamos analisá-los sem ter em conta as variáveis acima referidas. Considere-se o seguinte quadro de resultados de juízo de gramaticalidade.

³² Veja-se, para conferir os dados de alunos monolingues, o quadro que inclui o número total de palavras do Português mal translineadas no capítulo III.

Quadro 6. Resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade (%)

Juízo	P1a	P1b	P1c	P1d	P2a	P2b	P2c	P2d
Gramaticalidade								
Gramatical	17.77%	20%	13.33%	28.8%	60%	51.11%	66.66%	62.22%
Duvidoso	15.55%	24.44%	20%	4.4%	11.11%	13.33%	8.88%	0
Agramatical	30.66%	55.55%	66.66%	66.66%	28.88%	35.55%	24.44	37.77%
Juízo	P3a	P3b	P3c	P3d	P4a	P4b	P4c	P5a
Gramaticalidade								
Gramatical	31.11%	17.77%	22.22%	17.7%	37.7%	73.3%	91.1%	31.1%
Duvidoso	13.33%	15.55%	817.77%	920%	15.55%	8.8%	0	13.3%
Agramatical	55.5%	66.66%	60%	62.22%	20%	17.77%	8.88%	55.5%
Juízo	P5b	P5c	P5d	P6a	P6b	P6c	P6d	P6e
Gramaticalidade								
Gramatical	60%	66.6%	55.5%	35.5%	15.5%	24.4%	8.8%	20%
Duvidoso	11.1%	28%	24.4%	13.3%	17.7%	20%	17.7%	24.4%
Agramatical	28.8%	48.8%	20%	51.1%	66.6%	55.5%	73.3 %	55.5%

Por uma questão metodológica, na interpretação de resultados deste quadro não considerámos as variáveis Monolingue e Bilingue porque de acordo com Mateus (2001) a dúvida ou hesitação que ocorre nos aprendentes de Português como L2 podem não ser justificadas somente pelas características da L1 mas também pela complexidade do próprio sistema ortográfico do Português.

A partir desta ideia, entendemos que mesmo o aluno que tem o Português como L1 pode enfrentar algumas dificuldades na translineação. Ngunga e Faquir (2011) defendem que além das diferenças fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas, não existe uma padronização interlinguística entre as línguas europeias. Isto é, nem todos os sons iguais ou semelhantes entre as diferentes línguas europeias são escritos da mesma maneira. Isto é, quando se trata de escrever, nem todos os sons partilhados pelas diferentes línguas são representados graficamente da mesma maneira nas diferentes línguas.

Firmino (2006:157) corrobora esta ideia defendendo que há fundamento para assumir que as transferências das línguas autóctones desempenham um papel significativo na emergência de

alguns aspectos do Português usado pelos moçambicanos, conforme indica o facto de alguns desvios reproduzirem aspectos daquelas línguas ou do sistema cultural ao qual elas estão ligadas. Entretanto, (...) é necessário considerar também outros aspectos. Por exemplo, alguns dos desvios morfológicos e gramaticais também aparecem em falantes que têm o Português como L1 em outros países lusófonos.

Pelas razões expostas, na análise dos resultados do exercício de juízo de gramaticalidade não separámos o material recolhido (inquérito linguístico) dum grupo do outro por isso, a percentagem das respostas foi calculada tendo em conta os 45 alunos inqueridos. O resultado apresentado em cada lote de palavras (P1, P2, P3, P4, P5 e P6) obteve-se tomando como universo populacional todos os 45 inqueridos, ou seja, não teve em conta somente o número total de palavras fornecidas em cada contexto/caso como se observou no quadro anterior.

No que respeita ao domínio de divisão silábica das palavras do primeiro lote (P1), isto é, combinações das consoantes: nasal bilabial seguida de uma nasal alveolar, vibrantes simples, e fricativas alveolar correspondentes às grafias <mn, rr e ss>, embora tenham sido divididas tal como manda a norma, o sinal de agramaticalidade teve maior percentagem em 54% dos casos³³.

Nas unidades lexicais que apresentam a combinação oclusiva mais oclusiva correspondentes às grafias <bd, pt e ct> (P3), o seguimento da norma não é observado pois o sinal que indica a gramaticalidade das mesmas teve menor percentagem, ou seja, não obstante tenhamos feito uma divisão das sílabas à luz dos critérios da silabificação, os inquiridos mostram que não se respeitou a regra. A média das respostas é de 60.75%.

No que tange às palavras nas quais ocorre a sequência de uma vogal média correspondente à grafia <e> e uma consoante nasal alveolar ortografada <n>, (P2 e P4), as respostas não são correctas. Os inquiridos não seguem a norma em 60 %. As palavras incluídas nestes lotes foram mal divididas, porém na escolha das alternativas (gramatical vs agramatical ou

³³Os dados percentuais que apresentamos na interpretação dos resultados são a média aritmética das percentagens apresentadas em cada alínea dum lote (Px). Seja X qualquer número que se refere à ordem das palavras no inquérito linguístico.

duvidoso) jogava a favor do sinal “gramatical”, ou seja, há a tendência de transportar a consoante nasal para o segmento seguinte.

Ao nível dos grupos consonânticos que incluem uma consoante oclusiva seguida de uma fricativa ou uma oclusiva seguida de uma nasal, como são os casos de P5 e P6, respectivamente, os alunos tendem a seguir a norma num caso e noutro não, pois o sinal que indica o carácter gramatical da divisão silábica teve maior percentagem em 53% no lote P5 visto que, de facto, foram bem segmentadas, no entanto têm dificuldades no segundo caso onde a média aritmética das respostas que mostram o juízo de agramaticalidade é de 60.8%.

3.7.6. Sumário dos resultados

Analisando o comportamento linguístico dos monolíngues e dos bilingues em função dos inquéritos, verifica-se que os contextos que levantam maiores dificuldades na identificação de fronteiras das sílabas são os seguintes: combinatória oclusiva mais oclusiva correspondente às grafias <bd, pt e kt> com uma percentagem de cerca de 65%; a sequência vogal + um segmento nasal (V+CN) cuja percentagem é de 60% e nos grupos consonânticos correspondentes às grafias às grafias <mn, rr e ss> com 54%, respectivamente (Cf. Quadro 6. Resultados de tarefa de juízo de gramaticalidade).

Olhando para uma das hipóteses de partida, confirma-se que existe uma diferença significativa entre os alunos da 10ª classe da escola secundária de Quissico e a secundária “25 de Setembro” de Homoine e um grupo de formandos do Instituto de Formação de Professores de Homoine quanto à actualização das regras de divisão silábica no Português Europeu.

A hipótese de que sendo os grupos (*dm, pn, bs*) menos frequentes no PE e não próprios desta língua faz com que os falantes da mesma tenham dificuldade de dividir as sílabas das palavras que as integram pois percebem que não são grupos próprios e não respeitam o Princípio de Sonoridade Máxima dos constituintes é, também, validada em função das abordagens feitas ao longo do trabalho.

CAPÍTULO IV

4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Como se sabe, qualquer trabalho de investigação termina com uma conclusão. Sem esta parte, assemelhar-se-ia a um livro aberto à espera de ser fechado pelo próprio escritor ou a um texto

narrativo com desenlace aberto, facto que nos deixaria num *suspense*, ou seja, parecia um conto que nada resolve. Por isso, o presente capítulo, visa essencialmente apresentar as conclusões obtidas como resultado da descrição dos processos de divisão silábica em PE e Copi e, por conseguinte, apresentar as possíveis recomendações em torno do assunto. O capítulo encontra-se dividido em duas secções, sendo a primeira a das conclusões, e a segunda, a das recomendações.

A língua bantu convocada para o debate é o Copi. A estrutura silábica desta língua é CV. Este é, aliás, o modelo canónico da sílaba em línguas do grupo bantu, ainda que se admita encontrar outras estruturas como CV(V) em função da ocorrência do fenómeno do alongamento vocálico ou sequências do tipo CC mas tratadas como C, isto por um lado. Por outro, em Português, embora tenhamos também o modelo canónico da sílaba CV, ocorrem outras estruturas mais complexas da Sílaba, sobretudo na composição do Ataque. Este constituinte silábico em Português é o mais complexo do que os restantes (Núcleo e Coda). As nossas leituras revelam que os grupos consonânticos mais problemáticos para identificação de fronteiras de sílabas que as contêm na expressão escrita do PM, são, entre outras, sequências: oclusiva + nasal (dm, pn, gn, etc); oclusiva + fricativa (bv, ps, etc), oclusiva mais oclusiva /kt, pt, bd/, fricativa mais uma lateral ou vibrante /pl, pr/ só para mostrar alguns exemplos. Esta realidade da composição da sílaba em Português difere da da língua do grupo bantu aqui analisada, pois nela o processo de ramificação do Ataque silábico conhece outras estratégias como a pré-nasalização, a aspiração, a nasal silábica e a lábio-velarização ou palatalização. Estes processos, ainda que actuem sobre a consoante em coda, as regras de translineação ou segmentação de palavras conforme a bibliografia do autor, mostram que se deve tratar como uma única consoante na análise silábica destas línguas.

Pelo exposto, pode constatar-se que, para um falante de Português como língua segunda (L2) e que já fossilizou os sons da sua língua primeira na sua gramática latente, já se pode esperar que conheça dificuldades na identificação de fronteiras entre sílabas numa língua como o Português. Alguns, como foi visto nas condições em que se encontram os grupos consonânticos do Português, optam pelo processo de inserção da vogal epentética desfazendo a estrutura desta língua na tentativa de acomodá-las à maneira bantu.

Posto isto, quatro razões parecem justificar os problemas na identificação de fronteiras de sílabas e a posterior translineação indiferenciada de palavras por parte dos nossos inqueridos:

1^a) o facto de os alunos não conhecerem as regras da ortografia da sua língua bantu, a que se encontram expostos quase sempre;

2^a) a existência de diferenças das estruturas silábicas nas línguas em comparação, o que leva os alunos a inserir vogais em algumas estruturas tentando acomodá-las à realidade da sua língua primeira (bantunização).

3^a) a ausência de combinatórias de segmentos consonânticos do tipo CCV, a título de exemplo, na L1 (língua bantu Copi) dos aprendentes, visto que nesta língua, em particular, e em quase todas as línguas bantu, só temos consoantes modificadas por: (i) pré-nasalização; (ii) labiovelarização ou palatalização; (iii) aspiração e fricativação, como mostrámos na introdução do presente trabalho. As consoantes modificadas pela conspiração de várias regras fonológicas, no acto da divisão silábica das palavras de línguas bantu, recebem um tratamento diferente, ou seja, as modificadas são assumidas, tal como mandam as regras, como sendo uma única consoante sujeita às modificações acima arroladas. Na divisão silábica, nestas línguas, não falamos de *Onset* ramificado.

4^a) estrutura ou tipo silábico que o Copi exhibe, dado que nesta língua raras vezes ocorrem sílabas cuja estrutura é diferente da do tipo CV. Embora se admita a ocorrência, nesta língua, de radicais verbais semelhantes à algumas estruturas silábicas do português, nomeadamente: CVC, CVCVC, entre outras, tal semelhança não afecta os mecanismos da divisão silábica e de translineação de palavras dado que, com se sabe, nas *LB*, o último constituinte das palavras ou verbos é marcado pela vogal final (*VF*), sendo esta uma das suas características, como alude Ngunga (2004), ao descrever os critérios subsidiários para classificação destas línguas, mostra que elas se caracterizam por “ter um conjunto de radicais invariáveis a partir dos quais a maior parte das palavras se forma por aglutinação apresentando os seguintes traços uma estrutura básica do tipo CVC”.

Na divisão da sílaba em Copi, raras vezes, o constituinte silábico “coda” (Cd) se encontra preenchido, facto que corrobora a ideia segundo a qual este elemento, na estrutura da sílaba em bantu, é opcional e convencionalmente representado entre parêntesis. Em Português Europeu é frequente encontrar sílabas cuja coda é segmentalmente preenchida embora não seja por todos os sons consonânticos, mas pelos fonemas /l, r, s/ e as suas realizações fonéticas. Além do que arrolámos, o estudo das redacções por nós recolhidas nos diferentes

estabelecimentos de ensino em Homoine e Zavala (Inhambane), parece revelar outros contextos gráficos onde os aprendentes do PE em Moçambique infringem as regras de translineação gráfica das sílabas das palavras. De entre eles, incluem-se os que se seguem:

- (i) as sequências das consoantes gráficas iguais, nomeadamente: (*ss*, *rr*) e (*mn*);
- (ii) os ditongos decrescentes: *ai*, *ui*, *ei*;
- (iii) sequências de oclusiva mais oclusiva /*bd*, *pt*, *kt*,/ e fricativa mais uma lateral ou aquela mais uma vibrante /*fl*, *fr*/, combinatórias que violam o princípio de sonoridade dos constituintes já discutido ao longo do trabalho;
- (iv) as sequências de vogal e uma consoante gráfica nasal (VN).

Estas conclusões não devem ser tomadas como resposta final à problemática da translineação indiferenciada, mas um mero contributo para a análise e correcção dos desvios neste domínio. Os problemas na translineações e divisão silábica podem ser de natureza intralingue (a Língua Portuguesa é bastante complexa) ou interlingue (inerentes às LB).

4.1. Recomendações

O aspecto sobre a divisão silábica e translineação de palavras em PE e nas LB é bastante complexo e mais estudos precisam de ser feitos para resolver este fenómeno.

Apesar das suas limitações, este foi, quanto a nós, um dos primeiros trabalhos centrados na Fonologia e Ortografia (fonografia) que procurou aliar as estratégias de divisão silábica do PE às das LB (Copi). Fica aberto o caminho para que seja possível analisar e identificar outros factores subjacentes à translineação indiferenciada tanto no PE quanto em Copi. Ao longo deste trabalho, a procura de respostas para o problema, levantou novas questões, novos tópicos que merecem um olhar mais atento. Gostaríamos que fosse visto o presente estudo, pois só dessa maneira é que se poderá entender o seu objectivo: adquirir um conhecimento mais pormenorizado dos princípios/critérios de segmentação de palavras nas línguas em contraste.

Vários utentes das línguas bantu de Moçambique (as Rádios, as escolas, as igrejas) implementam uma ortografia, não raras vezes, indiferenciada, sem bases e critérios científicos. Como resultado disto, a leitura nestas línguas baseia-se em adivinhas. Há muito que fazer no que respeita à padronização da ortografia das línguas bantu. O desejo de

escrever nelas é maior, há, porém, uma gritante crise de massa pensante formada pelas academias, bem como de ferramentas adequadas que estabeleçam normas que possam regular a sua ortografia. Em Português, o fenómeno tende a ser igual e o argumento que se tem apresentado é que esta língua não é a nossa L1, por isso, não dominamos perfeitamente a sua forma canónica, tanto na oralidade quanto na escrita. No entanto temos de nos esforçar de modo a que escrevamos à luz dos ditames desta língua.

Sentimos que os fragmentos de textos que acabámos de analisar nesta dissertação são um trabalho que não passa de uma gota no meio de um imenso oceano, ou seja, não chega a constituir 5% (cinco por cento) da grande maioria dos desvios que ocorrem na divisão gráfica de sílabas das palavras em Português. Os alunos quando escrevem nesta língua ocorre-lhes uma grande hesitação na distribuição dos segmentos (consoantes e vogais), isto é, a distribuição do conjunto de segmentos pelas sílabas a que pertencem é, muitas vezes, aleatória. Os utentes ficam sem saber qual é o critério a aplicar em diferentes contextos gráficos entre o etimológico e silábico. Este assunto carece de um estudo de base, por isso recomendamos: *a)* que sejam, em futuros trabalhos, analisados mais dados que reflectam os critérios da divisão de sílabas nas duas línguas em estudo; *b)* que se façam abordagens sobre as áreas/zonas de tensão fonética entre as línguas moçambicanas e a portuguesa com enfoque para os sons que se seguem: [b, s, c, nh...] durante o ensino do sistema de sons e da ortografia de ambas as línguas, a partir do conhecido (LP) para o desconhecido (LB); *c)* ao abordar aspectos ligados à ortografia das LB não insistir que os alunos façam o uso apenas de um tipo de escrita conjuntiva ou disjuntiva, mas que se usem os dois, guiando-se pela estrutura do verbo nas línguas moçambicanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afido (1997). Contribuição para o Estudo dos Morfemas do Presente do Indicativo no Emakhuwa. (Tese de licenciatura não publicada). Maputo: UEM
- Bachetti, C. 2006. *Gramática da Língua Ronga*. Maputo: Paulinas Editorial.
- Baker, C. (1993). *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. Great Britain.
- Bernardo, M. (2009). *Análise contrastiva nas formas de cumprimento entre Português e Emakhuwa*. In *Folha de Linguística da UEM*. Maputo.

- Borregana, A. A. (2007). *Gramática da Língua Portuguesa*. 9ª Edição. Texto Editora, Lda. Lisboa.
- Canonici, N. N. (1991). *A Manual of Comparative Bantu Studies*. Durban: University of Natal, 28-32
- Cavalcanti, M.C. (2006). Um Olhar Metateórico e Metametodológico em Pesquisa em Linguística Aplicada: Implicações Éticas e Políticas. In: MOITA LOPES L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- Cavalcanti, M.C. (1999). Reflexões sobre a Prática como Fonte de Tema para Projetos de Pesquisa para a Formação de Professores de Língua Estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (org.). *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, SP: Pontes.
- Cole, D. (1955). *An Introductin to Tswa Grammar*. Longman. London.
- Crystal, D. 1990. *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Basil Blackwell.
- Dicionário Universal Mais Gramática (2002). Maputo: Moçambique Editora, Lda
- Da Silva, I.(2005). *Contributos para o ensino da escrita: A materilidade da escrita em textos de alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico*. 1ª edição. ASA, Editores.
- Da Silava, L. (2008). *Alguns Aspectos Correntes da Educação Bilingue*. In *Folha de Linguística da UEM*. Maputo.
- Dias, H. N. (2002). *As Desigualdades Sociolinguísticas e o Fracasso Escolar: Em Direcção a uma Prática Linguístico-Escolar Libertadora*. Maputo. Promédia.
- Dias, H. N. (2008). *As Desigualdades Sociolinguísticas e o Fracasso Escolar: Em Direcção a uma Prática Linguístico-Escolar Libertadora*. 1ª Edição. Maputo. Texto Editores.
- Dias, H. N et all. (2009). *Português Moçambicano: Estudos e Reflexões*. Imprensa Universitária. UEM. Maputo.
- Doke, C. M. (1931). *A Comparative Study in Shona Phonetics*. Johannesburg: The University of the Witwatersrand Press.
- Doke, C.M. (1961). *Zulu Grammar Tex Books of Zulu*. 6th Edit. Witwatersrand. Longman
- Dos Santos, F. L. (1941). *G ramática da Língua Chope*. Imprensa Nacional de Moçambique. Lourenço Marques.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa. Portugal.
- Dubois, J. et al. (1973). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Faria et al (Orgs). (2005). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa. Portugal.

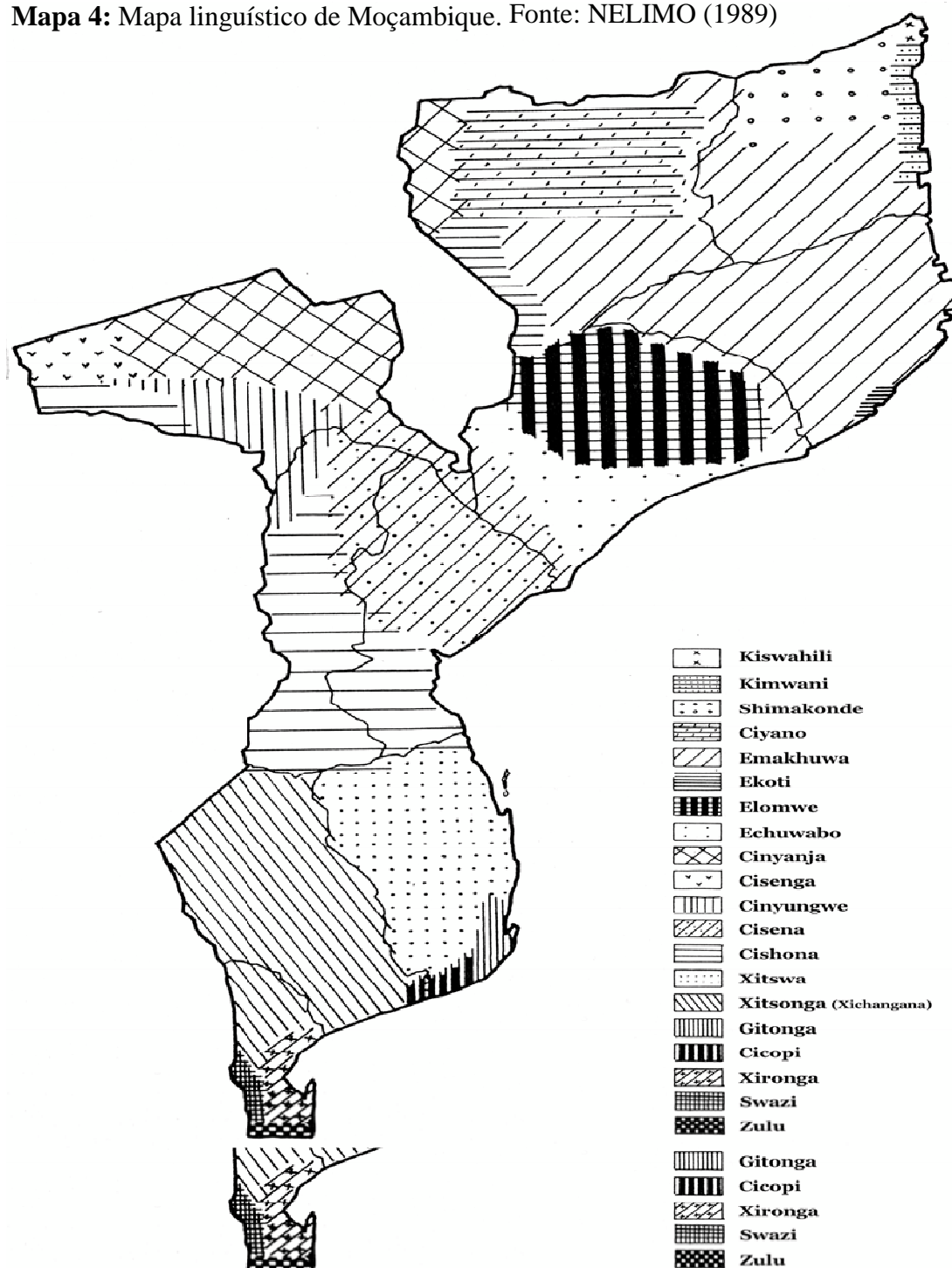
- Ferreira & Figueiredo, J. N. (Sd). *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto Editora. Portugal.
- Firmino, G. (1995). *O Caso do Português e das Línguas Indígenas de Moçambique: subsídios para uma política linguística*. In: Revista Internacional de Língua Portuguesa. Vol.13. Lisboa. Artes Gráficas, p. 33-43.
- Firmino, G. (2006). *A Questão Linguística na África Pós-colonial: O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. 1ª edição. Texto editores. Maputo.
- Garmadi, J. (1983). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa, Dom Quixote.
- Gordon, M. (1999). Syllable weight: Phonetics, phonology, and typology. Dissertation, UCLA. New York and London: Routledge.
- Goldsmith, J. (1976). *The Aims of Autosegmental Phonology*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.
- Greenberg, J. (1996) *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order Meaningful Elements*. In Greenberg, J (ed) *Universals of language*. Cambridge. MA. MIT Press
- Hamel, R. E. (1989). *Determinantes Sociolinguísticos de la Educación Indígena Bilingüe*. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Vol. 14, p.15- 66.
- Hayes, Bruce. (1989). *Compensatory Lengthening in Moraic Phonology*. *Linguistic Inquiry* 20: 253-306
- Hayman, L. (1985). *African languages and phonological theory*. Berkeley: University of California.
- Katamba, F. (1989). *An Introduction to Phonology*. Longman. London.
- Kunene, J. (1991). In *The Linguistic Association for SADC Universities (LASU)*.
- Laisse, L. (2012). A resolução de hiatos em Xirhonga. (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Eduardo Mondlane). Maputo.
- Liphola, M. M. (2001). *Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde*. Ohio State University. LTP.
- Lopes, A. J. (2004). *A Batalha das Línguas. Perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. Imprensa Universitária. Maputo.
- Maho, J. (2009). *The Online Version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of Bantu Language*.
- Maho, J. (2001). *The Bantu area: (towards clearing up) a mess*. In *Africa & Asia*, No 1, pp 40-49. ISSN 1650-2019 Dept of Oriental and African Languages, Göteborg University.

- Martins, M.R. Delgado. (1988). *Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*. 3ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho.
- Mateus, M. H.M. (2001). *A face Exposta da Língua Portuguesa*. Universidade de Lisboa.
- Mateus, M. H. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminhos, pp.1050-1052.
- Mateus, M. H. *et al.* (2005). *Fonética e Fonologia do Português* Lisboa: Universidade Aberta, p.241
- Mateus, M & Rodrigues, C.(1991). *A vibrante em coda no Português Europeu*. (S/I)
- Medeiros, J.B. (2003), *Redacção Científica: A prática de fichamento, resumos, resenhas*. 5ª edição. Edições Atlas. São Paulo.
- Meinhof, C. (1932). *Introduction to the Phonology of the Bantu Languages*. (traduzido por N.J. van Warmelo) Berlin: Verlag von Dietrich Reiner.
- Mendes, I. (2000). *Léxico no Português de Moçambique*. Texto editora. Maputo.
- Mendes, I. (2010). *Da Neologia ao Dicionário: O Caso do Português de Moçambique*. 1ª edição. Tesxto editora. Maputo.
- Moutinho, L.C. (2005). *On Automatic European Portuguese Sllabification*. Actas do III Congresso de Fonética Experimental, Universidade de Santiago de Compostela, (no prelo).
- Morais, C & Silva (2010). *Pensar a Língua Portuguesa. Ortografia I*. Universidade de Aveiro.
- McCarthy, J., 1986. OCP Effects: Gemination and Antigemination. *Linguistic Inquiry* 17, 207–263.
- Miti, L. (2006). *Comparative Bantu Phonology and Morphology*. Book Series No 40. Cape Town. Centre of Advanced Studies of African Society (CASAS). S.A
- NELIMO. (1987). *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. INDE/NELIMO – UEM. Maputo.
- Ngunga, A. (2002). *Elementos da Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária. Maputo.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Imprensa Universitária. Maputo.
- Ngunga & Faquir, O. (2011). *Padronização da Ortografia de línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. CEA. UEM. Maputo
- Oliveira, D. C. (2007). *Análise e Modelamento da Duração Em Português Europeu*. (Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses).

- Patel, S. (2006). Olhares sobre a educação bilíngüe e seus professores em uma região de Moçambique. Campinas, SP : [s.n.].(Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem).
- Palme, M. (1992). *O Significado da Escola, Repetência e Desistência na Escola Primária Moçambicana*. Editora, Instituto de educação- Gtab, Estocolmo.
- Romaine, S. (1989). *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell.
- Salema, L.F. (2007). Consciência e caracterização fonética de variação dialectal em Português Europeu. (Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Fala e da Audição). UA. Portugal.
- Semedo, B. *A Colocação do Clíticos no Português em Maputo*. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. (INDE). Maputo.
- Sitoe, B. (1996). *Dicionário Changana-Português*. 1ª Edição. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Maputo.
- Sitoe, B. (2011). *Dicionário Changana-Português*. 2ª Edição. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Maputo.
- Sitoe, B & Ngunga, A. (2000). *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo.
- Teixeira *et al.* (2005). *On European Portuguese Automatic Syllabification*. University of Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Teixeira, A *et al.* (S/D). *On the Use of Machine Learning and Syllable Information in European Portuguese Grapheme-Phone Conversion*.
- Van Oostendorp, M. (2005). *Mora Theory*. (s/l).
- Vigário & Falé (1994). *A Sílabas no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica*. In Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística.
- Weiss, H. (1988). *Fonética Articulatória: Guia de Exercícios*. 3ª edição. Summer Institute of Linguistic. Brasília, DF.
- Ziervogel, D. & Mabuza, E. J. (1985). *A Grammar of the Swati Language: Siswati*. Johannesburg.

Anexo 1

Mapa 4: Mapa lingüístico de Moçambique. Fonte: NELIMO (1989)



Apêndices

1. INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

Caro informante,
O presente questionário tem como objectivo a recolha de dados relativos à particularidades linguísticas dos falantes moçambicanos no que se refere à **divisão silábica e translineação de palavras**. Os dados por si fornecidos serão usados única e exclusivamente para fins académicos. Solicitamos a sua colaboração respondendo atentamente e com clareza e objectividade às perguntas feitas.

1.1. DATA

1.2. IDENTIFICAÇÃO

1.2.1. Código do informante

1.2.2. Sexo: M [] F []

1.2.3 – Idade:

1.2.4. Estado civil:

1.2.5. Naturalidade (prov. cid. bairro):

1.2.6. Nível de escolaridade:

1.2.7. Profissão/ocupação:

1.3. MOBILIDADE

1.3.1. Tempo de residência no bairro/província:

1.3.2. Pessoas com quem vive:

1.3.3. Outras residências/duração:

1.4. INFORMAÇÃO RELATIVA AOS PAIS

1.4.1. Língua(s) falada(s) pela mãe:

1.4.2. Língua(s) falada(s) pelo pai:

1.4.3. Profissão da mãe:

1.4.4. Profissão do pai:

1.5. INFORMAÇÃO RELATIVA ÀS LÍNGUAS FALADAS PELOS INFORMANTES

1.5.1. Língua materna:

1.5.2 Que outras línguas conhece/fala?

1.5.3. Com quem/onde aprendeu a falar português?

1.5.4. Língua (s) falada (s) com a mãe:

com o pai:

com os irmãos:

com os amigos (da escola):

2. INQUÉRITO LINGUÍSTICO

2.1 TAREFA DE DIVISÃO SILÁBICA

Nesta parte do inquérito criamos situações que implicam a utilização, por parte do falante, de estratégias de segmentação de palavras.

Faça a divisão silábica das seguintes palavras

2.1.1. Combinatória: oclusiva + vibrante

Palavra	celebrar	branco	Trapo	droga	gravo	graça	abraço	retrato	síndrome	regra	crónica	preso	
Divisão silábica													

2.1.2. Combinatória: Oclusiva + nasal

Palavra	Pneu	hipnotizar	Ritmo	étnico	admirar	Estigma	ignorar	retrato	síndrome
Divisão silábica									

2.2. TRANSLINEAÇÃO DE PALAVRAS

Considere que as seguintes palavras se encontram em final de linha. Como separaria as suas sílabas?

espécie; cabeceira; mosaico; psicose; amanhecer; desfolhar; consultório; areia; Inhambane; bens; disponíveis; ministério; província; modernizar-se; estratégia; processo; melhoria; período; país; sanitária; município; território; parceria; vereador; guarda; queijo;

2.3 EXERCÍCIO DE JUÍZO DE GRAMATICALIDADE

Indique o seu juízo de gramaticalidade relativamente à divisão silábica das palavras abaixo, marcando-as com “OK” (bem dividida); “?” (pouco natural ou duvidosa) e “*” (inaceitável e agramatical)

Palavras	Divisão silábica	OK	?	*
1. a. assistência	as-sis-tên-cia			
b. amnésia	am-né-si-a			
c. carro	car-ro			
d. professor	pro-fes-sor			
2. a. aprende	a-pre-nde			
b. aprendizagem	ap-re-ndi-za-gem			
c. blocos	blo-cos			
d. glândulas	glân-du-las			
3. a. impacto	im-pac-to			
b. captal	cap-ta-l			
c. abdómen	ab-do-men			
d. captar	cap-tar			
e. facto	fac-to			
4. a. normalmente	nor-mal-me-nte			
b. circunstância	cir-cuns-tâ-nci-a			

c. igualmente	igual-me-nte			
5. a. absolvido	abso-lvi-do			
b. psicopedagogia	psi-co-pe-da-go-gia			
c. absoluto	abso-lu-to			
d. psiquiátrico	psi-qui-á-tri-co			
6. a. pneu	pne-u			
b. abnegar	a-bne-gar			
c. dignidade	di-gni-da-de			
d. admirar	a-dmi-rar			

